

# ALFARRÁBIOS

2016©ssquerdosautorais

## Fanzine Coletivo

Os textos publicados são da responsabilidade  
de seus autores

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias  
responsável: Paulo de Carvalho

Contato:

55 21 99556-1007

[armazemdequinquilhariaseutopia@gmail.com](mailto:armazemdequinquilhariaseutopia@gmail.com)

UTOPIA  
Brasil



# Andréia Borges da Silva

Andréia Borges da Silva, funcionária pública e escritora. Participa de algumas antologias com contos, dentre elas, “Novas Contistas da Literatura Brasileira”, da Editora Zouk, em parceria com a Casa da Mãe Joanna. Teve um poema selecionado para a antologia “Elas em poesia”, da Editora Gráfica Heliópolis. É autora do blog Mar de variedade, no endereço: [www.mardevariedade.blogspot.com](http://www.mardevariedade.blogspot.com).



## “O primeiro dia depois do fim”

Nataly despertou com o celular tocando. Ela virou para um lado, para o outro, e o celular continuou tocando. Resolveu atender.

- Alô!

- Nataly, acabou de ser anunciado. É o fim do isolamento social. Com a vacina que testaram no mês passado, a população mundial ficou curada. Ontem vacinaram os últimos que testaram positivo para o coronavírus. E já estão todos curados.

- Graças a Deus! Nem acredito, mãe. Acaba um capítulo rocambolesco da história. Vamos agradecer aos profissionais de saúde que, heroicamente, se colocaram na posição frontal do combate a esse vírus.

- Sim, eles foram fundamentais para que os cientistas encontrassem essa vacina, além de terem cuidado dos infectados.

- Mãe, estou tão feliz! Planejei fazer tanta coisa quando esse dia chegasse. Quero ir na Biblioteca do bairro fuçar uns livros novos, ir na praia, sair com os meus amigos, dar uma volta no parque. Ai, mãe, não sei nem por onde começar.

- Filha, vamos fazer tudo que temos direito e mais um pouco.

## AFARRABIOS XIV

- Já sei. Meu primeiro ato vai ser abraçar os funcionários do prédio. Depois, eu vou até aí te dar um abraço, mãe. Estou com tanta saudade.

- Ah filha. Eu também. Não vejo a hora de poder te abraçar, podemos comer o nosso bolinho favorito de fubá com goiabada e aquele cafezinho. Já vou até começar a preparar ele.

- Incrível como agora cada gesto que parecia bobo, corriqueiro, passa a ter tanta importância. Eu já gostava de comer esse bolinho com a senhora, mas agora passou a ser um dos melhores programas da minha vida.

- O mundo não será mais o mesmo. Seremos mais felizes, porque daremos mais valor ao que tem que ser valorizado.

- Sábias palavras, mãe. Vou tomar uma ducha e já vou pra sua casa. Beijos.

- Até já, filha. Beijos.

Nataly tomou seu banho e já desceu no elevador cumprimentando todo mundo, com aperto de mão. Depois deu um abraço em cada funcionário do seu prédio e agradeceu por terem cuidado daquele lugar como se fosse a casa deles.

Ela notou que as pessoas pareciam mais felizes. Cruzou com um vizinho que normalmente reclamava com

## AFARRÁBIOS XIV

o faxineiro de algum detalhe no chão do prédio que não ficara tão limpo, mas ele estava elogiando e abraçando o funcionário.

Ao começar a caminhar na rua em direção à casa de sua mãe, o jornaleiro estava sorridente, o pipoqueiro estava cantarolando, as pessoas passavam sorrindo umas para as outras.

Nataly se perguntou: - Será que essa fase de júbilo dura?



# BELLE LOIVOS

Anabelle Loivos Considera é fluminense de Cantagalo-RJ, terra do Euclides da Cunha. Talvez pelas referências literárias do seu pedaço de chão, além de ter passado a infância entre os livros do museu em homenagem ao escritor, do qual o pai era funcionário, enveredou pelas letras e pelo ensino. Publicou as memórias de *D. Maricotinha*, sua tia-avó, em poemas que desnudam os afetos e as maricotices das mulheres do interior (Oficina Raquel, 2013); E também *Mãeme* (Costelas Felinas, 2017) e *Pura, puta, puta: poesia!* (MOINHOS, 2019)., coletânea de poemas sobre o feminino e as mulheridades. Dá com grande prazer um bocado de aulas, formando professores de literatura na UFRJ. Tem uma filha chamada Aymée, grande narradora de sua vida. Espera ter pena pra escrever mais, ouvidos pra escutar mais e olhos de ver mais. E mais.



## TEXTO DE PANDEMIA

Eu comi os restos do almoço da Aymée. Não por precisão, mas por cansaço. Eu nunca tinha comido resto de comida antes. Me julguem. Mas eu olhei pro prato metade cheio, olhei pro relógio, voltei a olhar pro prato, olhei pro tempo pandêmico que parece restar, olhei pra pia com pratos sujos da mesa do café de ontem, olhei pra minha face perdida num espelho virado pra parede, olhei pro prato de Aymée me dizendo “sobrou muito”, olhei pra penca de bananas empregadas na fruteira ao lado do prato de Aymée, olhei pro relógio que marcava 7 minutos a mais desde que eu entrara na cozinha, olhei pra frase que abre essa crônica sem Chronos, olhei pro macarrão com bolinho de carne que Aymée tão caprichosamente deixara num prato meio vazio, olhei e comi. Comi sem gosto e sem vontade. Mas comi. Meu castigo e minha purgação de hoje, comi resto de comida da minha filha. Sempre haverá um primeiro prato meio cheio que vai restar, meio vazio pra gente partilhar. E eu vou sempre comer depois da fome da minha filha. Da falta de fome da Aymée. Da minha falta de vontade de comer restos. Comendo-nos uns aos restos dos outros teremos novas fomes. Tá escrito em algum lugar sagrado, numa legenda de filme da Netflix.

# CAMILLA OLIVEIRA

Camilla aprecia a paisagem da janela do seu quarto. Gosta especialmente de sol, de mar, de céu-azul, beija-flor e gaivotas. É psicóloga de formação, atuante em escolas municipais do Rio de Janeiro e aposta na poesia falada como uma ferramenta de transformação subjetiva e social. Tem pela literatura uma grande paixão. Desde muito jovem, as palavras e os livros são janelas a abrir novos mundos: se desloca de lugares de solidão e pouco movimento para outros mais povoados e férteis, onde se sente mais viva. Encontra nas palavras escoamento, refúgio, ancoragem e possibilidade de fluir. Camilla escreveu uma dissertação de mestrado sobre suas experiências com a poesia falada, “Poesia falada: A arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar”, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente está cursando o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com um projeto de pesquisa que aborda as poéticas do corpo a partir das relações entre corpo, poesia e vida no *slam*.



**(Corpo)sição**

“Viver em suspensão”

A vida sussurra nos meus ouvidos

Eu não escuto

Ela então grita

Não estou em lugar nenhum!

Meus pés não tocam o chão!

A realidade está muito pesada

Minha fragilidade e delicadeza não suportam tempos tão áridos e sombrios...

Mas o vento me diz que eu sei ser terra que sustenta os passos

Que ele não carrega

No meu solo, brotam raízes e sementes

Que conseguem crescer e se expandir...

Sou fértil!

Crio mundos com meu pensamento e imaginação

Se às vezes desmancho, logo me refaço

Como uma pedra, me quebro em mil pedaços

Que se mistura com terra, vento, planta e viro outra coisa

Como água, vou deslizando, escorrendo,

Atravessando leitos de rio arriscados e perigosos

Mas vou fluindo, seguindo o curso

Às vezes paraliso, fico empoçada

## AFARRÁBIOS XIV

Água turva e confusa  
Desespero, acho que não tem mais jeito...  
Mas basta a luz do sol entrar pra reacender minha esperança,  
Minha fé na vida e em suas transformações  
Isso me protege da morte, eu bem sei  
Há pouco tempo sequei por completo  
O ar me faltava  
As folhas caíram  
A alegria foi embora  
A noite trouxe tristeza, medo, saudade  
Tudo junto!  
Palavras presas na garganta  
Nós  
Medo de fazer, de ser, de fluir, de correr,  
Dúvida, coração apertado  
Se sentir vulnerável, desprotegida, exposta, fraca!  
Aquele chão firme que eu pisava  
Minha casa, meu território, minhas redes  
Começou a afundar  
Areia movediça  
Já não sustenta, ampara, acolhe, contorna  
Virou magma, fogo que engole e destrói  
E me transformou em cinzas, pó

## AFARRÁBIOS XIV

Dessas cinzas que me encontro  
Começo a me reerguer  
Sei que posso acreditar e confiar na minha força  
Sem muletas  
Minha casa sou eu!  
E posso levá-la para onde eu for  
Esse é o único edifício que posso construir e cuidar  
Desenhar a arquitetura, escolher os materiais que irei  
usar,  
Decidir como vou ocupá-lo e decorá-lo  
Eu sou a minha casa!  
Tenho uma criança pra cuidar  
Uma menina com suas dores...  
Tocam os sinos da igreja  
Sons que me encantam mas já não me pertencem  
Como a água, vou fluir e atravessar esse período  
O vento me traz a força para transformar o que é preciso,  
Tirar as coisas dos seus lugares  
A terra me sustenta, me ajuda a criar raízes e pousos  
O fogo vem comigo pra queimar aquilo que não é mais  
necessário  
O ar me ajuda a respirar  
Vou precisar!

# CECÍLIA ROGERS

A poeta Cecília Rogers é natural de Niterói, onde reside. É Mestre em literatura portuguesa pela UFF e desde muito jovem acalentou a poesia em si. Somente em 2018 concretizou esse caminho poético com a publicação de seu livro “Ardia a poesia em Maria” pela Pachamama Editora. Livro sensorial na escrita e na fotografia de seu filho, Ricardo Rogers. Participou em 2019 das Feiras literárias de Niterói e de Paquetá.



## **Gente**

A multidão  
caminha  
na estação  
se aglomera  
à espera  
anda  
senta  
tem gente  
de todo jeito  
olho o celular  
olho em volta  
o dependente do craque  
reabilitado  
pedindo  
vendendo  
para ajudar  
é do Paraná

## AFARRABIOS XIV

um ano sem fumar  
casou  
gestou  
um filho  
tá desempregado  
olho o celular  
a barca que não chega  
num porto seguro  
sem dor  
vem a família  
de Feira de Santana  
pai, mãe e filha  
desempregados  
sem alimento  
sem cama  
desesperados  
pedindo  
Deus abençoe  
quem puder ajudar

## AFARRÁBIOS XIV

amém  
e quem não puder  
também  
muito obrigado  
passar bem  
cabeça abaixada  
será verdade?  
o céu é azul  
o vento frio bate no rosto  
bate no coração  
caminho para o café  
lá  
um zumbido  
de pessoas  
sem fé  
refletidas  
nos espelhos  
nas comidas  
fartas

## AFARRABIOS XIV

as sobras

no prato

o outro passando fome

por que?

vontade de

me encolher

em casa

e acolher

em gigante

asa

tanta gente

sem nada.

Cecília Roger





# CRISTIANO LOPES

Cristiano Lopes é escritor, fotógrafo e contador de histórias, atua no mercado infantil como Tio Cris, dando vida à turma do vovô Miguel, com foco na inclusão social, ele vem desenvolvendo um trabalho com fantoches que interagem com as crianças, mostrando que todos somos iguais, independente de cor, raça, gênero e deficiências. Como autor, publicou em 2019 o livro Reforma Íntima, que foi exposto no mesmo ano, da Bienal do Livro, na 1ª Feira Literária de São Gonçalo-FLISGO, e na Feira Integrada de São Gonçalo-FISGO, em ambas as feiras ele também se apresentou como Tio Cris e a Turma do vovô Miguel.



## MEU DOCE PROFESSOR.

Ah, meu doce professor...

Quantas loucuras por amor à essa linda profissão!

Quantas lágrimas e quanto esplendor!

Ah, meu doce professor...

Lembro da minha infância como foi sofrida, mas tinha sempre aquele sorriso largo me recebendo com sua linda acolhida.

Lembro como eu fui rebelde e um péssimo aluno, dava muito trabalho e fazia muito barulho.

Mas a paciência de Jó daquela linda donzela, me quebrava com o seu lindo olhar, como se fosse um cinto sem fivela.

Com carinho e amor ela me conquistou e no fundo dos meus olhos ela sempre olhou.

E em muitas das vezes ela era enérgica, e usava a disciplina, mas com todo carinho mantinha a rotina.

Ah, meu doce professor...

Em muitas das vezes sentia dor, chorava e gritava sempre em silêncio.

Eu, de uma forma muito egoísta nunca escutava o seu lamento, mas graças à Deus tenho esta oportunidade, de agradecer a vocês com muita humildade.

Por favor, lindo professor.

Nunca desista..

Hoje graças à vocês eu virei um artista.

Em minhas palavras eu te agradeço, graças à você tive um recomeço.

## AFARRÁBIOS XIV

Hoje somos pontes de ligação, nos tornamos pontes de emoção.

Muito obrigado por sua coragem, hoje faço aqui minha simples homenagem.

Muito obrigado, meu doce professor.



## Irmãos de sangue

É engraçado falar de coisas que nunca senti a cor da minha pele não pode fala por mim.

Não tenho propriedade para falar da cor da pele, sendo que nunca tive aquele sentimento que nos repele.

Como entender as emoções,  
Sem passar por todas essas demonstrações?

Como entender as emoções,  
Sem chegar as conclusões?

Dentro do meu ou do seu coração também tem inclinações.

Inclinação de amor de dor e de emoções...

Sofre, Clama e sente incisões.

Será que branco, preto, amarelo, ou pardo não são dignos de perdão?

Ressalto não tenho propriedade para falar de ninguém.

De alguém ou seja quem.

Mas dentro da emoção e do sofrimento tem coração, tem sangue tem pulsação.

Mas como chegar as conclusões?

Se não encontramos perdões...

Épocas duras, sangrentas e escuras.

Tudo por causa da ditadura...

Peço perdão à você...

Não tenho culpa de ser branco..

Como você também não tem culpa de ter outra

## AFARRABIOS XIV

cor de pele.

Mas por favor, não aumente o desamor que por tempos nos repele.

Nós morremos juntos, sofremos juntos, lutamos Juntos.

No meu coração existe amor e não diferenças de cor.

Vamos aumentar o nosso amor...

Eu te peço por favor...

Voltar atrás eu não consigo, mas posso fazer diferente, isso eu consigo.

Por favor, venha comigo...

Vamos dividir o mesmo abrigo...

Clamo a ti meu amigo...



## ANOS 80

Época boa!

Acho muito difícil este entendimento, acho que vai do ponto de vista e de um bom relacionamento.

Nos anos 80 era Claudinho e Bochecha, Milli Vanilli, Stevie B e o Charme dançante.

Geral dançava bonito e todo elegante.

Se você nasceu nesta época sabe bem o que eu digo, dava para viver tranquilo, e não se esconder em um abrigo.

Tinha a bala Juquinha, o caramelo Zorro, o biscoito Mirabel e o palhaço e Bozo.

Tinha a tal da bala soft que era uma delícia, mas eu me lembro bem que para chupar a bala, tinha que ter muita perícia.

Engasgar com aquela bala era pura bolação.

Tinha também o Pica-Pau que era muito maneiro, ele acabava com o senhor Leôncio em um estalar de dedos.

Tinha o tal do baile funk que era uma zoeira, mas não tinha bala perdida por que ninguém ficava de bobeira.

Tinha Chaves e Chiquinha, também tinha Dona Florinda, tinha aquele cara que era o seu Barriga.

As tardes eram tranquilas, era pura diversão quando eu lembro desta época minhas lágrimas vão ao chão.

Como eu era feliz e isso é muito bom, vou poder contar para os meus filhos como tinha diversão.

Tinha taco na minha rua e também bola de gude, era tanta brincadeira que ficava o maior grude.

## AFARRÁBIOS XIV

Era carniça, pique se esconde, polícia e ladrão, eram coisas maravilhosas nesta época, não existia a tal exclusão. Éramos livres como pássaros voando livremente brincávamos muito e estávamos sempre contentes.

Quem fazia aniversário levava muita ovada, nesta época era tranquilo as nossas traquinadas.

A doce época que nunca volta mais, eu só fico triste quando eu olho para trás.

Nossos filhos vão crescer e nunca vão saber o que é realmente sentir muito prazer.

Hoje em dia é difícil viver livremente, nós estamos sempre cercados com várias lentes.

É lente de tv e do tal celular a vida agora é a mesma coisa, postar, postar, e postar.

Posta foto na praia, na piscina ou no salão mais quando me deparo, só vejo a solidão.

Olhares triste e lamentos é pura falsidade, isso é o que mais me incomoda escondendo as verdades.

A humanidade está perdida com o coração dilacerado, se eu não escrever vou ficando engasgado.

Palavras tortas ou retas isso eu já sei, eu não me perdoou onde foi que errei.

Errar, acertar isso não importa o que vale é escrever, tento deixar as poucas verdade por isso vocês vão ver.

Doce época dos anos 80 que era muito maravilhosa vou levar para a vida inteira doce época honrosa.





# Fabiola Fabrícia

## Sobre a autora

Fabiola Fabrícia é professora graduada em Letras Português-Inglês e Respectivas Literaturas e Pedagogia e pós-graduada em Docência do Ensino Superior. É autora dos livros *Escritos Morgados* (2017), *Reflexões Poéticas* (2018), livro escrito em parceria com o poeta Antonio Lima Martins (lançado na 4º Bienal Brasil do Livro e da Leitura), *Poesia, literatura de ideias – Poetry, literature of idea* – edição bilíngue (2019 - lançado na FELIB – 35ª Feira do Livro de Brasília) e *Lili Brownie* (2020 – livro infantil). Participou de quatro Antologias poéticas, entre elas o Concurso Nacional Novos Poetas – Prêmio Poetize (2018), *Poesia livre* (2018), *Coletânea Contos Poesia* (2018) e *Encontro Florescer* (2020).



## Língua afiada

Quando a vejo,

comparo a sua imagem como de uma santa

Quanta blasfêmia!

Por dentro as chamas do seu corpo queimam.

São labaredas que despertam no íntimo da típica santarona.

Figura hipócrita.

Em silêncio, cobiça o que é do outro, tem preconceitos e tabus.

É tão falsa quanto seu comportamento sereníssimo.

Talvez seja perdoada, após as suas preces diárias.

Ora, mulher!

Pare de hipocrisia e miséria.

Não me cobre nada.

Eu não tenho o rabo preso.

Não perca o seu tempo com demagogias doutrinárias.

## **Olhos**

Para abrir, fechar.

Enxergar, embaçar.

Ponto cego.

Falsos cegos.

Satisfazendo seus egos,

sangue nos olhos diante as peripécias alheias,

sem perder as estribeiras.

Ver o quê?

Para quê?

Para quem?

Para saber.

De quê?

Ninguém ver ninguém além si mesmo.

E assim vivemos a esmo, sem compaixão.

Atenção ao olho da consciência.

Inconstante.

No seu olhar soberano.

## **A feira**

Pessoas entretidas circulam pela feira.

Gente viva.

A felicidade pula de banca em banca.

Foco no sorriso do velho baiano.

Olha a laranja!

Na barraca de dona Letícia só se ouve gritos.

É bonito ver a diversidade do povo andarilho, miscigenado, cultivando os produtos originados no Brasil.

Terra arretada.

Lotada dessa gente cheias de ardis

## **A índia**

O verde da mata.

Caça.

Ventila o cheiro da clorofila.

Cabelos esvoaçam pelo rosto, atrapalham a visão.

A índia corre em direção ao nada.

Foge do mal, do homem.

O suor deixa os rastros pelo caminho.

A índia continua na luta, mas o medo transcende.

A fere.

Ela encontra o vazio na vasta mata.

A mesma que o homem que ela foge, mata.



**FERNANDA MACIELLEIRA BORTONE**

Poeta, mãe da menina Maria, produtora do Sarau do Tomate Cereja e do Sarau para crianças “Tomatinho Cereja”, mediadora da página “Tomatinho Cereja” que divulga eventos literários, exposições artísticas e sugestões de livros para crianças, professora da rede pública de Niterói, psicóloga, aprendiz do sagrado e cultivadora de um pequeno jardim. Uma mulher que aposta na força criadora do amor e da poesia.



## Rascunho

Eu não sei quantos poemas não terminei,

Desde que te (des)encontrei.

Eu não sei.

Eu não sei que força amansou a caneta,

Que obediente, nem roça o papel.

Eu não sei se são essas lembranças tão vivas escorrendo  
pelos dedos tesos,

rompendo tudo que pode ser dito de nós.

Eu não sei se são essas lembranças ainda frescas,

Que ao molharem os dedos, não podem discorrer.

Será medo de morrer?

Será medo de sepultar nosso delírio num último suspiro.

Eu não sei.

Eu não sei onde você está. Se tomou café ou se dorme, ou  
se sonha.

Não sei se você caminha olhando o horizonte.

Eu não sei se ainda ouve fado, se prefere Paulinho da Viola  
ou Marisa Monte.

Ou se prefere esticar suas pernas brancas de escritório na  
academia.

Eu sempre achei que você precisasse de sol.

Eu não sei nada sobre o homem de aplicativos. Só sei que  
um dia ele perdeu o juízo.

## AFARRÁBIOS XIV

Será que ele ainda divaga olhando peixinhos no aquário?  
Será que ainda me declama um poema no ouvido?  
Será que ainda posso te chamar amigo?  
Será que pode perder tempo comigo?  
Só sei que perdi a inspiração por hora.  
Só sei que meu poema é bobo, é sério, sem mistério.  
Minha caneta está cansada, desconfiada e sozinha,  
Dura e inerte sobre a nossa cama-escrivadinha.



**Ainda sobre rascunhos...**

O melhor de mim são meus rascunhos.  
Esferas de papel jogadas no lixo.  
Palavras sem rima mas muito sentidas.  
Sinto muito por elas.  
Agora sem vida.

O melhor de mim são meus rascunhos.  
Palavras mal ditas sem contenção  
Lágrimas aflitas sem inspiração  
Sinto muito por elas  
Sem parto, sem pouso, sem consolação.

O melhor de mim são meus rascunhos  
Poemas sem censura  
Palavras sem compostura  
Sinto muito por elas  
Sozinhas, com fome e tesão.

O melhor de mim são meus rascunhos  
Poemas de mais, intensos, sem paz  
Palavras ruptura e adeus,  
Sinto muito por elas,  
Elas não sentem mais do que eu.

## Manacá

Como uma flor que não desbota, mas se transveste maravilha em cada manhã,

Anseio por seus delicados sinais formoseando meu diário.

Suas palavras raras emprestam frescor à minha rotina.

A noite é sua lembrança. Perfume, que impregna meus lençóis, com sonhos benfazejos.

Ah! Se esse momento for só devaneio e cor, já é fértil e forte para plantar quimeras em terreno inculto.

Proponho enfeitar com esmero nossa primavera, com roxinhos, azuis e brancos.

No nosso pedaço, receberemos lagartas e borboletas sem prejuízo do que ainda for verde e frágil.

Elas serão nossa companhia e inspiração.

Quando as flores cansadas se renderem tapete,

Creio que esperanças vicejantes acolherão o amanhã.

Assim eu espero.

Assim te espero.



# JORDÃO PABLO DE PÃO

Jordão Pablo de Pão é escritor, produtor cultural e pesquisador de memória literária. Autor de “Abre Caminhos” (2017); “O Mar do Meu Velho” (2018) e “Café Quente” (2019). Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Membro do Coletivo Afeto Poético. Curador de diversas exposições, mostras, séries de saraus e eventos literários. Atualmente, Diretor da Biblioteca Guaracy de Albuquerque Souto Mayor e Coordenador de Programação do SOLar do Jambeiro (Niterói, RJ).



## Denúncia

o menino

mão estendida

tio, um trocado

é mais uma vítima

desse pretenso sistema

de cortesias incortesas

a que chamamos

sociedade

## Desvio

prenha?!

como assim está prenha?!

tão menina ainda...

criança cuidada por outra

sabia que era puta

abre as pernas para qualquer um

faz carinhos por dinheiro

menina desabrochada aos nove

não podia dar coisa boa

só vou ajudar

porque ela me sustenta

## Fome

Uma vez confrontei a fome. No auge da minha imaturidade, fui agressivo com minha mãe por ela me ofertar uma comida que já sabia que eu não gostava. “A senhora sabe que eu não suporto carne com nervo? Não vou comer isso...”. Ela caiu sentada chorando e dizendo: “Meu filho, acontece que só tenho isso pra te ofertar. Não tem mais nada no armário... Se você quiser, eu compro algo lá fora, dou meu jeito, peço emprestado...”. Desmoronei, como faço agora. Choro como a criança que era. Minha mãe foi a voz que me avisava da crueldade da vida. Ali, defronte a seu olhar comovido, desesperançoso e tão entregue por não poder lutar, eu entendi o que é decência. Minha mãe me tomou pela mão e me abriu um mundo.

E pensar que existem tantas pessoas que vivem isso diariamente! Os seus corpos, inebriados pela obrigatoriedade de se manterem firmes e continuarem a executar as funções básicas da “vida”, esfalfam-se em demonstrar firmeza e a transcender o que é considerável possível. No desespero, vão para as ruas, pedem dinheiro, fazem trabalhos escusos. Temporariamente, saciam sua fome. Não entendem, todavia, o quanto custa se expor a qualquer situação para resolver uma primeira necessidade. Mostram que o impossível e o decente são noções para além de uma teoria, dependem de um contexto.

## AFARRABIOS XIV

Quando esticam seus braços e pedem ajuda, na verdade, são mais uma vez vitimadas. Estamos tão violentados que achamos que tudo (dos outros!) poderia ser de outro jeito e ter saídas. Já deveríamos saber que a mente humana tem mecanismos múltiplos e de combinações tão diferenciadas que não existe, neste tomo, surpresas, porque não há constâncias. E a fome só bagunça tudo, leva ao desespero, ao despreparo de comunicação. Isso se amplifica quando existe uma escadinha de rebentos que dependem do esfomeado, esfomeadinhos que tantas vezes não se percebem assim. Acostumam-se com a irregularidade.

Menininhos, deveríamos dar as mãos e pensar em uma maneira de, juntos, criarmos nova metodologia. Existe um negócio, uma vontadinha chamada fome, que é quando sentimos a barriga vaziiinha, sem alimento, e que nos deixa muito irritados, com vontade de fazer qualquer coisa para sair dessa situação, sabe? Não façam “coisas erradas”, combinado? Se nós procurarmos nos ajudar, alguém vai dar um trocadinho por você carregar uma sacola ou vai entender a sua necessidade. Se dá certo mesmo, não tenho como garantir, mas só me resta acreditar. Choro de novo, caio sentado, entregue.

## **História para criancinha acordar**

pobre do menino que colhe sonhos em jabuticabeiras  
os tempos são outros  
sem quintal de vó ou histórias de banheiro  
com muito celular e muita instantaneidade  
fingida autenticidade um mundo pré-fabricado

pobre do menino que quer sonhar com carneirinhos  
em tempo de bicho-papão real, esfomeado  
não é um pobre personagem que colocará alimento na  
boca da criança  
sono em boca de histórias ricas, fantasiosas  
brincadeira de príncipe e de lobo mau  
hoje corremos para que não sejamos a própria lenha



José Antonio C. Silva

Químico industrial - B.Sc.

Engenheiro Industrial - M.Sc.

Ex- executivo de grandes empresas

Psicólogo - Especialista em Psicologia Clínica.

## **A TOCA, de Franz Kafka, e o COVID-19**

“Estou com medo, traumatizada mesmo, de sair na rua”, diz moradora.

“Com medo, moradores se impõem um toque de recolher.” As pessoas se entrincheiram em prédios cercados por grades de metal e munidos de sistemas eletrônicos de segurança. (do cotidiano de nossa cidade).”

O animal – um texugo? Uma toupeira? Kafka não especifica – sentindo-se ameaçado, construiu a sua toca, uma obra astuciosa,

ramificada em um verdadeiro labirinto de caminhos subterrâneos com a finalidade de proteger o seu construtor.

A ligação da toca com o exterior se faz por meio de muitos orifícios estreitos, tubos de ventilação, com a finalidade de permitir a entrada do ar em seu interior. Apenas uma entrada dá acesso ao sistema de caminhos subterrâneos. As demais entradas são falsas, para ludibriar intrusos. Mas essa entrada verdadeira é um ponto de vulnerabilidade da toca, um caminho por onde inimigos poderiam ter acesso ao labirinto e atacar o animal entocado.

Para corrigir esse calcanhar de Aquiles em seu sistema defensivo, o animal disfarça essa entrada cobrindo-a com uma camada de musgo e plantas e constrói para despistar uma entrada falsa, a cerca de mil passos da verdadeira, e que não conduz a parte alguma. Para certificar-se da eficiência do disfarce, o animal de tempos em tempos sai de sua toca para o exterior e procura buscar alguma eventual falha em seu sistema. Contudo, o medo de que essas suas saídas pudessem ser observadas por inimigos que, dessa forma, identificariam a verdadeira entrada para o labirinto, o animal vai reduzindo suas saídas, até quedar-se em definitivo em seu abrigo. Por algum tempo ele experimenta momentos de tranquilidade, propiciada pela constatação de que suas provisões são fartas.

Mas essa tranquilidade dura pouco, logo ele se entrega novamente à sua paranoica preocupação com segurança — conferência do sistema de defesa, a disposição dos corredores e a localização das reservas de víveres. Ao imaginar fraquezas, põe-se laboriosamente a mudar de lugar suas provisões, a alterar o traçado de alguns corredores ou a

ampliar o espaço da praça central do esconderijo. É uma faina tão desesperada, a cavar com o focinho, que este até sangra. Mas, todo esse trabalho não lhe traz segurança, permanece sentindo-se em risco. E já então não teme apenas os inimigos externos à toca, pois escutou que existiriam seres que vivem no interior da terra e que, a qualquer momento, poderiam surgir das profundezas para atacá-lo. Eis que ouve um ruído estranho, até então não percebido, e que com certa regularidade volta a soar. Pensa que talvez seja o ruído próprio da circulação do ar pelas galerias subterrâneas, ou, porventura, produzido pela movimentação de pequenos animais, como insetos. Mas o desconhecimento da causa do estranho ruído tem um efeito assustador sobre o animal, que passa, inclusive, a imaginar se ele não seria o aviso da aproximação dos seres do interior da terra.

Finalmente acaba se convencendo de que o ruído é proveniente da escavação de um outro animal, e tenta confortar-se imaginando que poderia ser possível um entendimento com o invasor: lhe ofereceria comida e ele então o deixaria em paz. Desgraçadamente, no entanto, esse outro hipotético animal nunca aparece, o que continua é o ruído misterioso, que não aumenta nem diminui de intensidade.

**Qualquer semelhança do drama vivido pelo animal kafkiano com o dos habitantes do Rio de Janeiro de hoje não é mera coincidência.**

---

## **Fiquem em casa!**

A resenha que escrevi do conto A Toca, do grande escritor Franz Kafka, foi por mim postada em meu blog em 10/08/2017, e a semelhança ressaltada ao final do texto entre o animal escondido em sua toca e os habitantes do Rio de Janeiro referia-se ao medo da agressão física – pelos animais, no caso do texugo, e pelos humanos, no caso dos habitantes do Rio de Janeiro. O texto que apresento em seguida mostra um novo entrincheiramento das pessoas, desta vez não apenas no Rio de Janeiro, mas no Brasil e em uma série enorme de países.

Em 1947, o escritor franco-argelino Albert Camus (1913-1960) publicou A peste. Versão romanceada da filosofia existencialista, A peste é um livro que trata da solidariedade que a todos devemos, da liberdade de escolha e da responsabilidade sobre nossas escolhas. Os tristes e preocupantes fatos dos últimos meses reposicionaram esse livro no centro das atenções de quem às respostas frívolas e não pensadas prefere uma reflexão mais séria sobre as contingências da vida.

Em Oran, uma cidade ao norte da Argélia, na manhã de um dia 16 de abril de 194.. (Camus não precisa o ano), um médico encontrou um rato morto ao sair de seu consultório. Comunicou ao porteiro do prédio, que considerou tratar-se de uma brincadeira de mau gosto de uns safados. No dia seguinte, o porteiro mostrou ao médico três outros ratos mortos nos corredores, cobertos de sangue, e novamente atribuiu o fato à ação de moleques, mas que ele iria pegá-los. Foi o primeiro sinal da imensa tragédia que se

## AFARRÁBIOS XIV

desenhava.

Logo a tempestade foi ganhando força. No dia 25 a rádio informava que 6.231 ratos haviam sido recolhidos e queimados, somente naquele dia. A população que, até então apenas se queixava de um mal estar com o que começara a ocorrer, passou a ficar assustada. E vieram as mortes de pessoas. Em quatro dias, os números saltaram: 16, 24, 28, 32. E assim, sucessivamente, o número de mortos por dia foi aumentando: 92, 107, 120. A rápida expansão da peste trouxe o colapso do sistema de atendimento de saúde e do funerário. A situação chegou a um ponto em que o prefeito decretou o “estado de peste”, e com ele, as portas da cidade foram fechadas e iniciou-se uma quarentena sem previsão de término.

Famílias foram separadas. Os mais doentes foram conduzidos para outros pontos da cidade. O padre local fez um inflamado sermão dizendo tratar-se de um castigo divino e que a cidade o merecia. Estavam sofrendo. Mas mereciam, dizia o padre. Prisioneiros eram usados para movimentar e enterrar cadáveres, algo tão macabro que pouparei os leitores de descrever os detalhes. Os corpos se amontoavam nas ruas. Crianças morriam. O padre ainda achava que tudo decorria dos planos divinos. Afirmava que os cristãos deveriam aceitar o destino. Por fim, ele próprio morreu.

Em determinado momento, da mesma maneira com que o ciclo de mortes pela doença se iniciara, e rapidamente avançara, os óbitos decresceram e praticamente cessaram, a ponto de a prefeitura, no dia 25 de janeiro (ano?) considerá-la erradicada. Logo a população começou as ruidosas comemorações. As portas da cidade se abriram. As

famílias, então separadas, começavam a se reunir.

Camus concluiu esse desesperado livro lembrando que o bacilo da peste não morre e não desaparece. Avisou-nos que o bacilo da peste fica “dezenas de anos a dormir nos móveis e nas roupas”. Ainda, advertiu que a peste “espera com paciência nos quartos, nos porões, nas malas, nos papeis, nos lenços”. E quando volta, “para nossa desgraça, manda os ratos morrerem numa cidade feliz”. Trocando-se ratos e bacilos por outros vírus e pragas tem-se o quadro aflitivo que eu e o leitor vivemos. E, com maior intensidade, os mais fragilizados física e/ou emocionalmente. A leitura do livro é muito dura, mas como tudo o que Camus escreveu é cheia de nuances e merecedora de profunda reflexão. É uma alegoria da condição humana.

As redes sociais estão excitadas como nunca. A peste é assunto onipresente. E, como não poderia faltar, há uma avalanche de fake news, algumas tão óbvias que causa espanto a intenção de sua criação. Apesar disso, podem induzir os crédulos a graves erros. Apenas como exemplo, um indivíduo que se define como um químico autodidata surge afirmando, entre outras sandices, que álcool não mata nada, álcool esteriliza! O que mata é vinagre, que é ácido acético (se tivesse minimamente estudado veria que no vinagre existe apenas algo em torno de 5% de ácido acético). A reação do CFQ- Conselho Federal de Química veio em NOTA OFICIAL – PROPRIEDADES DO ÁLCOOL GEL, ratificando a eficácia do álcool etílico como desinfetante e comunicando que o tal indivíduo incorria em infração tipificada na Lei de Contravenções Penais: falso exercício da profissão. A NOTA finaliza: “À sociedade, o Sistema CFQ/

CRQs orienta pela busca de informações válidas e de fontes confiáveis, com especial atenção àquelas oriundas das autoridades de Saúde. Tão importante quanto proteger a população no que diz respeito ao contágio do novo vírus é evitar o alarmismo e a viralização de conteúdos sem a devida verificação [o grifo é meu].”

Somos soterrados por mensagens que vão desde a minimização do problema até a paranoia. Seria exagero o que países tecnológica e culturalmente avançados como Itália, França e Espanha, dentre outros, já implantaram para controle do vírus? E que posteriormente começaram a ser adotadas em nosso país? A drástica limitação imposta ao transporte público, à circulação das pessoas, a quarentena - as pessoas recolhidas às suas casas- , o fechamento compulsório de locais de aglomeração de pessoas como estádios desportivos, clubes, cinemas, teatros, bares, restaurantes, o comércio em geral, salvo exceções muito específicas – farmácias, supermercados -, e até a interdição das praias? Em grau extremamente rigorosos foram medidas adotadas pelos referidos países, seu descumprimento sendo passível de multa e de prisão. E, de início contestadas pela população, acabaram, de um modo geral, tendo o seu apoio.

Na contramão dos que minimizam a ameaça do vírus estão aqueles, hoje em grande maioria, que reconhecem o risco e tomam suas cautelas, e também aqueles que são tomados pelo pânico, vendo o fantasma do vírus espreitando em toda parte. Escrevem protocolos para entrada e saída de casa. As ruas e as calçadas estão contaminadas. Os sapatos e as roupas são transmissores, ao chegar da rua, para onde

não deveriam ter ousado ir, devem separar e providenciar a pronta esterilização dessas peças de vestuário. Os pneus do carro, ao rolar sobre as ruas infectadas, e a própria chave de ignição, são outros solertes introdutores da peste em nossas moradias. Os alimentos e outros itens que adquirimos nos mercados estão igualmente contaminados. Nem pensar em sacar dinheiro para fazer pagamentos, deve-se usar o cartão de débito ou de crédito, e desinfetá-los imediatamente após o uso, e não receber o comprovante de pagamento emitido pela maquininha sinistra.

A peste igualmente penetra em nossa toca através dos correios, do entregador do jornal, dos serviços de delivery. Dentro de nossas casas é essencial estarmos atentos a cada esconderijo do vírus. Ele está em nossos celulares, em nossos computadores, em nossos aparelhos de telefonia fixa. Nos aparelhos eletroeletrônicos, na fiação e em seus controles, nos interruptores de luz. Na louça e nos utensílios de cozinha. Nas maçanetas das portas e em suas chaves, nas torneiras, nas tampas dos sanitários. Em nossas roupas, em nossa pele, em nossos cabelos. Ele é onipresente. A cada instante temos que lavar as mãos com sabão, com álcool gel. Dentro deste quadro seria praticamente impossível escapar do contágio. Corre-se o risco de, na toca, contrair-se um vírus muito mais danoso que o COVID-19: o vírus da loucura. Curioso é que dentre as mensagens vindas de um otimista, um daqueles que minimizam a malignidade do vírus, afirma-se que esse vírus é mutante, que ele está em constante transformação, e que contrair e se curar da doença não implica em imunização contra outras variantes. E ele considera isso um fato positivo.

## AFARRABIOS XIV

A verdade, como diziam os romanos na Roma Clássica, deve estar no meio. Dinheiro e celular, por exemplo, são obviamente fontes de contaminação. As pessoas devem manter distância das outras, o toque, o aperto de mão está proibido. O beijo, nem pensar. Recolher-se à toca é quase um consenso, embora haja defensores do oposto, de que, salvo idosos e portadores de outros fatores de risco, todos deveríamos nos expor, ficar na toca somente adiará o surto. E argumentam, aqui com óbvia razão, que o recolhimento geral trará o caos na economia.

Finalmente outros creem que, passado o surto da peste, a humanidade será mais compreensiva, terá aprendido com o sofrimento. Será? Uma rápida análise do processo histórico mostra que não há qualquer garantia de que isso ocorrerá. A peste negra, transmitida por ratos, uma pandemia que grassou na Europa no SÉCULO XIV, em plena Idade Média, ceifou muitas dezenas de milhões de vidas, principalmente na Europa. No período de 1914-18, eclodiu aquela que ficou conhecida como a Grande Guerra, aquela que, de tão destruidora, acabaria com todas as guerras. Até que, com o advento de uma outra guerra, ainda mais destruidora, entre 1939-45, passou-se a denominar a de 1914-18 como a PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL e a seguinte como A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. E foi em 1917, durante os horrores do primeiro grande conflito mundial, que grassou uma nova peste, conhecida como Gripe Espanhola, que, novamente, custou muitos milhões de vidas.

Mencionamos apenas dois grandes conflitos bélicos e duas pestes especialmente virulentas. Incontáveis outros

## AFARRÁBIOS XIV

conflitos armados e surtos de doenças se sucederam nos intervalos entre aqueles episódios. A solidariedade entre os povos, entre as pessoas, salvo as honrosas exceções de sempre, não foi um traço preponderante. O aclamado professor de História Yuval Noah Harari afirma em seu livro "Sapiens": "A História nunca foi justa." E agora, estamos aprendendo? Cada um tire as suas conclusões.

José Antonio C. Silva

02/05/2020

## **José Glauco Ribeiro Tostes**

José Glauco Ribeiro Tostes, Prof.  
Titular aposentado da UENF  
(Universidade Estadual do Norte  
Fluminense Darcy Ribeiro), no  
interior do Estado do Rio



### **MATERIALISMO HISTÓRICO - 1859**

#### **Um esboço de uma teoria científica da história universal.**

Recentemente, no número anterior (XIII) da ALFARRÁBIOS, apresentamos o artigo “SÉC. XVII EM DIANTE – CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS: A ERA DAS GRANDES E “SIMPLES” THEORIAS CIENTÍFICAS”. Ali começamos argumentando que:

*O mundo é extremamente complexo a quem ousar tentar compreendê-lo. A era da ciência moderna – dentro da Modernidade Ocidental, a partir do séc. XVII – foi capaz de enfrentar, de um modo que nos parece original, este problema da “enorme complexidade do mundo”, de cada mundo (o mundo de todo o cosmos ou do universo, o mundo de todos os fenômenos biológicos, o mundo da história universal*

da humanidade a partir do trabalho de transformação da natureza etc.). Nosso objetivo no presente texto é dar um esboço da “era das grandes e ‘simples’ **teorias científicas**” que nos legou *uma* forma específica de construir teorias *suficientemente* simples para tentar explicar – certos – mundos *extremamente* complexos.

O objetivo do artigo do ALFARRÁBIOS XIII, tal como enunciado no texto acima, ficou patente através de três exemplos dos cerca de 150 primeiros anos da “era das grandes teorias científicas” na Europa:

a) MECÂNICA NEWTONIANA, do final do séc. XVII, de I. Newton, onde o objeto de estudo é o “mundo – extremamente complexo – de *todo* o cosmos ou universo” físico.

b) TEORIA DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES (1859), de C. Darwin, onde o objeto de estudo é o “mundo – extremamente complexo – de *todos* os fenômenos biológicos”.

c) MATERIALISMO HISTÓRICO (MH) (1859), de K. Marx, um esboço de uma teoria cujo objeto de estudo abrangeria “o mundo da história *universal* da humanidade – extremamente complexo – a partir do trabalho, social, de transformação da natureza”, isto é, a partir da produção humana da própria sociedade “civilizada”, via trabalho, ao longo da totalidade da história: passado, presente e futuro (no caso do *futuro*, a teoria se limita severamente a “prolongar” – *imutavelmente* – no tempo apenas alguns poucos elementos estruturais – na base econômica – daquela produção, jamais pretendendo prever o futuro da produção humana em todos os seus complexos e mutáveis detalhes; o polo do que é imutável corresponde à “**necessidade** histórica”

[“o que *tem* que ser”]; o polo do mutável é o espaço oposto “do **acaso**, do **acidental** ou da **contingência** histórica” [“o que *pode* ser”]).

Em síntese: a “era das teorias científicas” encontra seu objetivo na direção de uma forma específica comum de construção de grandes teorias (das quais temos três exemplos acima). Tais teorias seriam, em relação a seu respectivo “mundo real”:

- (relativamente) **simples**
- (supostamente) **completas**
- (tendencialmente) **laicas,**

aplicando-se, cada uma, sobre seu respectivo “mundo” (vide exemplos acima), sendo esses “mundos”:

- (extremamente) **complexos**

Resta-nos a *específica* forma comum de **simplicidade** de tais teorias.

Propomos uma representação geométrica desta propriedade comum.

a) Primeiro, desenha-se um círculo que supostamente conteria toda a real complexidade do “mundo” em questão; b) em seguida, esvaziamos tal círculo de toda essa complexidade e o dividimos por meio de um diâmetro vertical; c) em terceiro lugar “plantamos” do lado esquerdo o item disciplinar que supomos *fundamental* na teoria em questão e “plantamos” do lado direito toda a ainda enorme complexidade *restante* de todos os outros itens disciplinares – interconectando-se, todos, entre si – que supomos

relevantes dentro de tal teoria. Ora, ainda restaria do lado direito uma enorme complexidade. Por isto, em quarto lugar, desenha-se uma seta saindo do lado esquerdo e entrando no lado direito do círculo. Esta seta implica que a enorme **simplicidade** à esquerda terá uma capacidade de *determinação total ou ao menos uma forte determinação sobre todo o material complexo do lado direito com todas as suas interconexões*. Fica para logo adiante avançarmos além desta primeira versão com apenas a seta da esquerda para a direita, abrindo caminho para uma outra seta na direção inversa. A representação geométrica da quarta etapa (figura adiante) acima para o caso particular do MH de Marx, tem as seguintes instruções. A única “caixinha” a esquerda envolve a área da **economia**, “com a precisão (exclusiva) das *ciências naturais*”, segundo palavras de Marx quando delineia seu MH – 1859. Todas as outras, do lado direito [no lugar daquela precisão, temos agora *ideologia*: interconexão envolvendo *todas* as caixinhas deste lado], representam as áreas de conhecimento relevantes para ao esboço da teoria universal da história de Marx, o MH, esboço esse constante da síntese de cerca de apenas **uma** página do texto de 1859. Claro que *não* existem essas caixinhas bem delimitadas entre si do lado direito. Trata-se somente de uma aproximação visual. Primeiro, o “mapa das caixinhas” do MH. Logo a seguir, a representação geométrica em quatro etapas.

# AFARRÁBIOS XIV

## MATERIALISMO HISTÓRICO [MH] (MARX, 1859)

**SIMPLICIDADE** [LADO

ESQUERDO]

*INFRAESTRUTURA*

[*MATERIAL*]

**COMPLEXIDADE** [LADO

DIREITO]

*SUPERESTRUTURA*

[*IMATERIAL*]

ECONOMIA

POLITICA

FILOSOFIA

CIÊNCIA

DIREITO

RELIGIÃO

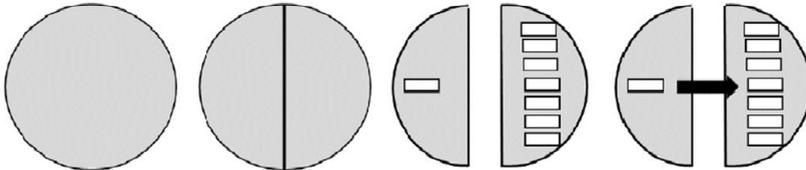
ARTE

[DETERMINA O LADO

[SEM AUTONOMIA

DIREITO]

HISTÓRICA]



A construção, em Marx, de uma teoria específica para o *capitalismo* (os três volumes de “O Capital”) parte da tentativa do jovem Marx de articular as famosas “três fontes” culturais/nacionais europeias (apontadas por Engels, Lenin e Kautsky) dentro da mesma grande civilização ocidental moderna: (1) ciência *econômica* inglesa, fortemente vazada na teoria científica da mecânica de Newton (Revolução Industrial), (2) *filosofia* alemã (2ª geração do idealismo alemão: filosofia dialética de Hegel; materialismo de Feuerbach) e (3) *política* francesa (iluminismo; Proudhon: propriedade privada; revoluções burguesas, partindo da Revolução Francesa). Talvez o ponto crucial para a construção posterior de “O Capital” (a partir dos anos 1860) foi, graças em parte ao jovem Engels, por volta de 1844, a descoberta do *primado fundamental da economia laica no edifício portentoso do capitalismo*. Isso explica a importância decisiva assumida a partir daí, para Marx, da notável teoria científica da mecânica *newtoniana*, algo já patente nos economistas pais fundadores ingleses como Smith e Ricardo. É conhecida a exclamação de Marx em “O Capital”: “quero ser o Newton da economia”, isto é, o descobridor (ou construtor?) das “leis do movimento do capitalismo”. E como a *filosofia* dialética hegeliana entra nessa seara *científica* econômica? Bem, Marx era alemão e desde o início dos anos de 1840 foi fortemente exposto à conjuntura filosófica alemã centrada no monumental Hegel, em sua perspectiva de uma História universal da Razão fundada na ancestral dialética heracliana, não na lógica e metafísica parmediano-aristotélica. Bem, onde o jovem Marx se meteu? De uma maneira simplificada e metafórica ele tentou articular, buscando construir uma teoria sobre o sistema capitalista, a “água” da economia inglesa newtoniana com o “azeite” da dialética alemã hegeliana... Pare-

mos aqui: Marx descobre-se tentando articular NEWTON (“água”) e HEGEL (“azeite”) num sistema capitalista, laico e materialista, centrado na economia, no primado da economia. “Água, azeite”. Difícil, não é?

Até aqui estamos no seguinte patamar: o capitalismo é *centrado no primado da economia*: o próprio *capitalismo* assim se reconhece desde a primeira metade do séc. XIX, e, agora **também** o *jovem Marx e o jovem Engels* já para o fim desta primeira metade (na década de 1840). E isto se mantém no Marx maduro de “O Capital”. Esta última empreitada consumiu grande parte do esforço marxiano.

Mas um esforço *lateral* para além de “O Capital” – embora consumindo relativamente bem menos tempo e atenção de Marx – pode ser identificado: a *extensão* do primado da economia a **toda** a história universal (das civilizações) **pré**-capitalista e, com todos os riscos dessa empreitada, também para uma futura história **pós**-capitalista. Note-se bem: **pelo menos** ele realiza a *simples* extensão histórica **universal** do *primado da economia*. Essa extensão passado-futuro é o ponto crucial do esboço de uma teoria universal da história: o **MH** – 1859.

A partir de agora, vamos esboçar apenas uma agenda para um prosseguimento futuro do presente trabalho.

(1) Uma argumentação corrente acerca do uso da metáfora infraestrutura-superestrutura em Marx – central dentro da teoria do MH acima – é que ela aparece pouquíssimas vezes, e de modo esparso, na obra marxiana. Uma contra-argumentação inicial é que ela é decisiva para um notável esboço de uma *teoria universal da história humana* extremamente simples quando comparada à brutal complexidade factual daquela mesma história.

(2) A “síntese do MH-1859 em aproximadamente *uma* página parece essencialmente indicar um *determinismo de ferro* da infraestrutura econômica material sobre a superestrutura político-ideológica imaterial, vale dizer, *sem* qualquer espaço para iniciativas conscientes (superestruturais) do que se entende como liberdade humana. As leis da base econômica seriam *totalmente* independentes da vontade humana. Essa versão *100%* determinista do MH, sem maiores explicações, equivaleria a um modelo puramente **newtoniano** (isto é, “mecanicista-reducionista”) do MH. Tomando-se o último círculo da figura acima, isto equivale a existência de apenas *uma* seta, da *esquerda para a direita*. Do ponto de vista da causalidade isto significa uma causalidade puramente *linear, unidirecional*. Pode-se, inicialmente, propor um modelo ligeiramente diferente desta versão determinista do MH, *mas que abra um mínimo de espaço para a liberdade humana*. Em termos de nossa metáfora geométrica isto equivaleria a introduzir no mesmo quarto círculo uma nova e pequena seta *invertida*: isto é, *da direita para a esquerda*. Isto abriria para intervenções humanas (superestruturais) extremamente modestas sobre base infraestrutural. Usando a metáfora de Marx sobre o parto, poderíamos tentar *voluntariamente* atrasar ou apressar um pouquinho as dores do parto, *mas nunca evitá-lo*. Isto é, as leis de ferro da base econômica continuariam independentes, “em última instância”, de nossa vontade. Filosoficamente, sem maiores explicações, isto equivale a introduzir uma pequena retroação causal da vontade humana sobre aquela base material, o que por sua vez introduz na nova versão do MH a dialética **hegeliana**. É como se introduzíssemos uma pequena “porcentagem” de *dialética* dentro do modelo *mecanicista* newtoniano. Uma nova e mais complexa causalidade (dialética) emerge

– modestíssimamente – aqui. A causalidade linear newtoniana ainda seria largamente (mas não mais unicamente) predominante. Aqui está começando uma partida de futebol: Inglaterra (Newton) x Alemanha (Hegel). Terá Marx dado um fim a ela?

(3) Um conjunto de notáveis **simplificações** está embutido na teoria do MH (tome inicialmente aqui o modelo puramente newtoniano acima; aliás, **a mais simples** das diferentes versões possíveis do MH-1859). (3.1) apenas *duas* grandes e universais categorias teóricas: infra e superestrutura; (3.2) *primado da infraestrutura econômica* ao longo de *toda* a história universal; (3.3) A luta (política) de classes (“*o motor da história*”, Marx e Engels, 1848) atinge uma incrível simplicidade na atual fase capitalista do MH: restam apenas *duas classes* decisiva e prioritariamente em conflito *no mundo*: burguesia x proletariado.

(4) Um conjunto de notáveis **limitações/problemas** do MH. (4.1) Na versão do MH 100% determinista newtoniana, vista acima, a infraestrutura funciona como uma *causa primeira* aristotélico-cristã (causa **sem** causa) em relação a superestrutura; isto é um resíduo *religioso* que *não* deve existir numa ciência *laica*; (4.2) considere agora uma versão 100 % dialético-hegeliana (0% newtoniana); o primado da infraestrutura desapareceria, pois não haveria mais qualquer resíduo de **fronteira** nítida entre os opostos *materialismo e idealismo*. O motivo *dialético* disto: o Princípio (universal em Engels) da Interpenetração dos Opostos (PIO).

## Leitura Complementar

### Prefácio à Contribuição à crítica da ecomia política

"Nas minhas pesquisas cheguei à conclusão de que as relações jurídicas - assim como as formas de Estado — não podem ser compreendidas por si mesmas, nem pela dita evolução geral do espírito humano, inserindo-se pelo contrário nas condições materiais de existência de que Hegel, à semelhança dos ingleses e franceses do século XVIII, compreende o conjunto pela designação de "sociedade civil"; por seu lado, a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na economia política. [...] A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.

Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura. Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material — que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa - das condições econômicas de

## AFARRABIOS XIV

produção, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência deste conflito, levando-o às suas últimas consequências. Assim como não se julga um indivíduo pela ideia que ele faz de si próprio, não se poderá julgar uma tal época de transformação pela mesma consciência de si; é preciso, pelo contrário, explicar esta consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção, na organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhe substituem antes que as condições materiais de existência destas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade. É por isso que a humanidade só levanta o problema que é capaz de resolver e assim, numa observação atenta, descobrir-se-á que o próprio problema só surgiu quando as condições materiais para o resolver já existiam ou estavam, pelo menos, em vias de aparecer. Em um caráter amplo, os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno podem ser qualificados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade. As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social, contraditória no sentido de uma contradição individual, mas de uma contradição que nasce das condições de existência social dos indivíduos. No entanto, as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo as condições materiais para resolver esta contradição. Com esta organização social termina, assim, a Pré-história da sociedade humana."

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 23.

AFARRÁBIOS XIV

# LIGIA HELENA CARVALHO

Mestre em Teologia (Faculdade Moriah Internacional Center e FATEF), Teóloga, Cabeleireira, Cantora, Poetisa, Escritora, Compositora e Trovadora. Curadora do Sarau Sintonia Cultural. Integrante da União Brasileira de Trovadores. Seus textos compõem diversas antologias e é atuante em diversos saraus e eventos literária no Grande Rio.



## Escrevo

Escrever, descrever, externalizar, protestar  
Falar o que eu sinto em letras no papel  
Colocar as minhas ideias em frases,  
que ecoam em folhas a serem desfolhadas  
por um olhar em busca de palavras que façam sentido.  
Palavras gravadas na edição,  
que, em algum momento, marcou em mim  
a minha história. Escrever...  
Linhas que transcrevem meu olhar,  
ideias, ideais, razões, pensamentos, ilusões,  
fatos marcados na minha caminhada.  
que agora transcorrem em linhas retas  
em uma folha de papel.  
Escrever um pouco de mim, dele, deles,  
delas e de todos que deixaram um pouco de  
si em meus pensamentos  
Escrevo porque gosto e me deixa leve.

## AFARRÁBIOS XIV

Esse ato de descrever o que vivi

Escrevo, pois a poesia nasce e não consigo conter em  
mim. Por isso escrevo...

Ligia Helena Carvalho



## Gritos de liberdade

Ouvi gritos de liberdade

Ouvi sobre um povo que foi escravizado

Ouvi sobre uma viagem mortal

Ouvi os chicotes que rasgavam a pele de um povo que  
foi forçado a trabalhar

Ouvi as belas mulheres de pele preta gritarem de dor ao  
serem abusadas por seus mentores

Ouvi as correntes colocadas em seus pés serem  
arrastadas pelo povo escravizado.

Ouvi os gritos de fome, de sede, de exaustão de um  
povo no trabalho forçado para o seu tutor

Ouvi os acordos de morte, por escolher  
a morte no lugar da escravidão

Ouvi que a alma livre o homem não poderia escravizar.

## AFARRÁBIOS XIV

Ouvi gritos de fuga e de tocaias feitas  
nas tentativas de liberdade  
Ouvi um tratado de alforria  
Ouvi que uma lei foi assinada  
Ouvi gritos de abolição.  
Ouvi, Apenas ouvi.

Ligia Helena Carvalho



## AFARRÁBIOS XIV

Liberdade

Ali estavam apostadas todas as minhas fichas.

Faltava pouco para a Liberdade.

Só que, assim como um jogo de azar,  
meus planos foram por água abaixo...

Tudo o que apostei naquele momento não valia mais nada.

Sem planos, sem chão, sem estrada...

Sonhos escoavam pelos dedos  
como areia em uma ampulheta mostrando que o tempo acabou.

E eu não consegui ganhar o jogo.

Então sobrou a esperança e a fé  
para voltar a construir o que se perdeu, se manter de pé,  
juntar novamente alguma coisa para, no final,  
poder sobreviver, renascer....

E, assim, seguir em direção à liberdade.

Ligia Helena Carvalho.

# LÍVIA LUGÃO OLIVEIRA

Poetisa e escritora Gonçalense, formada em Pedagogia e integrante da Academia de Letras, Arte e Ciência. Participa de eventos artísticos e literários, promovendo também o incentivo a leitura.



## Poema de amor a Arte

Arte!

Ó arte!

Te amo

Juntas somos um só inteiro

Não parte!

Nos palcos

Sou Carmen Miranda

Adoro cantar-te!

E como Jackson fazia

Me ponho dançar \_te!

Me de a mão, ò arte!

No púlpito sou como Vinícius, de Moraes

Maravilhoso declamar-te!

Por detras das cortinas sou como Fernanda, Montenegro

É show encenar-te!

Nas telas e desenhos

Me sinto verdadeiro Monet

## AFARRABIOS XIV

Impossível sobreviver

sem colorir-te

Pintar-te!

É vida!

És obra de arte!

Te amo

Juntas somos um só inteiro

Não parte!

Te amo!

Enfim...

Muito obrigada arte!

Lívia Lugão



AFARRÁBIOS XIV

# LUCILAINE REIS

Lucilaine Reis é pedagoga de Rede Municipal de Niterói, poeta e escritora, membro do Coletivo de Mulheres Poetas de Niterói. Também é compositora e saxofonista na banda Prajna.



## Planetinha Azul

Ela era uma estudante ainda, repetia para si mesma.

Mas o que significava ser uma estudante ainda para seres além de tempo e espaço. O que significava ser jovem ainda, quando se estava além de nascimento e morte?

Significava, ela pensou, que para aquela questão específica, estava voltando sua mente pela primeira vez. Para outras questões poderia ser considerada muito, muito velha. Tão velha quanto o próprio tempo. Mas para aquela questão, seu olhar era novo como o de uma criança. Sentiu-se satisfeita com a possibilidade de ver algo novo. Sua capacidade de visão era tão ampla e profunda. Já vira grandes porções do universo. Era, portanto, com grata surpresa, que se via diante daquela questão. E a questão era o planetinha azul.

Por alguma razão, outra consciência cósmica havia tocado sua mente, para que olhasse para aquele braço de galáxia, dentro daquele aglomerado. E naquele braço, olhasse para aquele sistema e naquele sistema, olhasse para o planetinha azul, tão imensamente repleto de vida corpórea.

Havia, é claro, várias outras presenças cósmicas acompanhando o planetinha azul, no antes, no durante e no depois, que continuamente existe. Mas as mentes concordaram que seria bom, um olhar nascente sobre o planetinha azul, naquele momento específico do tempo, parado no próprio tempo.

## AFARRABIOS XIV

E foi assim que sua presença se fez presente, naquele agora do planeta azul.

Sua mente aberta e ampla, que tudo pode ver e a tudo alcança, limitou-se a olhar apenas para aquele ponto focal.

E olhou com seu olhar novo: olhar de estudante, olhar de criança. E viu.

Viu toda a trajetória do antes: de como a energia se fez matéria, de como a matéria se fez vida orgânica, de como a vida evoluiu de organismos simples para organismos complexos e de organismos complexos para seres conscientes e tecnológicos.

Viu que, ao longo desse processo, algumas mentes ganharam transcendência e visão. E que estes seres conseguiram alcançar as mentes cósmicas, mesmo estando limitados por sua forma física.

E então as Consciências que acompanharam o planetinha azul neste processo, chamaram a atenção da mente estudante para um determinado ponto no tempo-espaço. Um agora em meio a muitos outros agoras e disseram:

Precisamos do seu olhar novo, para esta velha questão:

“Será que agora, neste agora, eles estarão prontos para ver? Será que agora, neste agora, eles poderão nos acompanhar nesta vastidão de espaço-tempo? Ou será que ainda permanecerão presos, pela incapacidade ver.

Será que já podem se ver livres, ou ainda estarão presos aos sentidos físicos, e a não realidade do tempo e do espaço?”

E ela, que era apenas uma estudante, com seu olhar de criança, olhou. Olhou com o maravilhamento de quem pela primeira vez vê uma fila de formigas cortadeiras carregando folhas, ou percebe a cintilante luz refletindo na asa da borboleta, ou acompanha um louva-deus numa reza com as mãozinhas postas. Voltou todos os seus milhares de olhos para as milhares de tonalidades infinitas de azuis do planetinha e nele ficou por uma infinidade de tempo, contida num único segundo.

E então disse:

“Obrigada por trazer meus olhos e minha mente para esta nave tão bela. Minha mente alcança toda a vastidão cósmica, mas olhar para todos os lugares pode ser olhar para lugar nenhum. E poder observar um único e pequeno ponto no todo, pode ser uma maneira de também aprender sobre o universo infinito. Eu vi, ouvi e senti. Procurei usar o próprio arcabouço sensorial dos seres de carbono. Compartilho a experiência: alguns já veem, ouvem e sentem para além daquilo que seus corpos físicos conseguem compreender. Alguns já amam para além do próprio amor. Mas sua condição biológica, a possibilidade da morte física, faz com que seus instintos por sobrevivência e perpetuação da espécie sejam mais fortes que seus impulsos para a liberação da mente, que segue presa à forma.

Minha conclusão é de que estão livres e presos ao mesmo tempo. Livres para nos alcançar a qualquer momento, presos pela não aceitação desta condição.

## AFARRABIOS XIV

Seguiremos por aqui emanando compaixão, amor, alegria e equanimidade. Os que puderem nos ver, virão. Aos que ainda não puderem, pacientemente, aguardaremos.

Eis o que dizem meus olhos de criança.”

Niterói, 10<sup>o</sup> dia quarentena.

AFARRÁBIOS XIV

# MARCO VALENÇA

Poeta, compositor letrista, amador da Música Popular Brasileira!



AFARRÁBIOS XIV

*FELINIDADE*

é tão gracioso  
o gato  
quando pula  
corre, lambe  
parece que flutua  
pelos, pernas  
língua pelos ares  
é tão malicioso  
e carinhoso  
e tão ardiloso  
e sonso  
o gato  
que não tem juízo  
mas pura certeza  
que não são  
sete vidas  
a fonte de sua  
leveza e beleza

**MIAU**

o gato não mente  
isso é coisa de bicho  
homem crente  
mia e às vezes até geme  
quando deitado em casa  
ou trepando na vizinhança  
o gato é vigília  
terapia  
alquimia  
companhia  
coisa tantas  
que nem cabem caças  
em minhas lembranças  
o gato é um fácil presente  
um ágil ausente

mora em mim  
me desconhece a raça  
e a poesia desmente  
gato é uma forma de vida  
onipresente

## GRATO AO GATO

sou grato ao gato  
que me derruba entrando entre as pernas  
em meu rumo da sala ao quarto  
à um futuro próximo do nada  
sou um agradecido compadecido  
por seus todos pelos espalhados  
em cada centímetro da casa  
por seus instintos loucos destroçando  
todas as lógicas que eu  
antes de você, meu gato,  
ainda habitava  
tenho imensa gratidão  
por você me amar, o que é vero

## AFARRABIOS XIV

e por me fazer te amar, o que é sério  
sou grato ao gato  
que me permite o gosto sem limite  
e me ensina o olfato  
e aprendiza meus toques  
e me assusta surpresas  
e sem pressa e com requinte  
me mestra o prazer e o sublime  
de quem não vai embora  
somente se recolhe  
e assim somos um e dois  
um humano que cansa  
um felino que dorme

**LENE**

gato não usa toga  
juízo não é seu bem  
tampouco mal o afoga  
ceia, sono, sentinela  
liberdade é o seu vintém

# MARINEY KLECZ

MARINEY KLECZ - Paranaense da cidade de Apucarana. Escreve poesias , contos e livros infantis (estes de conteúdo ecológico). Presente em várias antologias, organizou a antologia “A PEDRA QUE CANTA” (2018). Co-fundadora do CLARON – Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói.



## COVID – 19, O FUNESTO

(Durante a pandemia do coronavírus)

O invisível ser, coroado,  
estabelece seu reinado  
de tristeza e desolação.

O mundo inteiro parado,  
cada canto isolado,  
sem ,nem, um aperto de mão.

O vazio escancarado,  
o aconchego negado.  
É o império da solidão.

A presença proibida,  
com tecnologia, permitida,  
ainda aquece o coração.

## AFARRÁBIOS XIV

Acenos,de longe,trocados,  
beijos não podem ser dados,  
abraços são aberração.

Este é o cenário que vemos,  
e, com calma,esperemos  
por uma libertação.

Existe intensa procura  
para encontrar a cura  
e derrotar este vilão.



## HOLOCAUSTO

Famélicos...despojados...em fila...

Tomar banho! Tomar banho!

É a ordem

Estrela amarela,

símbolo de um pecado

e impiedosa purgação.

Tomar banho! Tomar banho!

É a ordem

Cinzas fedendo a carne.

Cinzas de fornos assassinos.

Montanhas de corpos entulhados,

de gás, intoxicados.

Tomar banho! Tomar banho!

É a ordem

Ídolo de pés de barro

convence uma multidão

de um crime sem dimensão

## AFARRABIOS XIV

e envergonha uma nação.

Tomar banho! Tomar banho!

Cof...cof...

Aaaahhhh!

Morte!



INSTINTO

Nos lençóis amarfanhados...  
Despida...  
de roupas, regras, pudores.  
Sem barreiras ou censores.  
Corpo entregue aos sabores  
do desejo intenso e...extertores.

Sêmen, suor e saliva,  
de sedução, a mistura.  
Aplacam senso e pruridos  
de seres plenos e exauridos  
após paixão e loucura!



AFARRABIOS XIV

# MONIQUE BRITO



## Amor... aromático

“Hamlet: Não estás vendo nada ali?

Rainha: Absolutamente nada, mas tudo o que há, eu vejo.”

(Hamlet, William Shakespeare.)

Há o amor carnal                      performático

há o envolvimento                      aromático

ballet de anéis em busca de

estabilidade

na protease do                      coronavírus.

Eles vivem em êxtase, em              cada

hospedeiro;                      sistemáticos.

## AFARRABIOS XIV

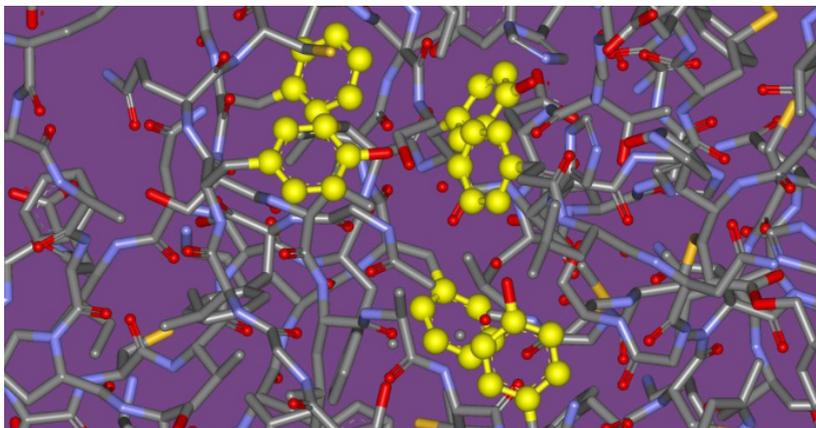


Imagem e texto Monique Brito.



# PEDRO GARRIDO

Pedro Garrido é nascido, criado e residente em São Gonçalo -RJ. Cursa o segundo semestre da faculdade EaD de pedagogia, pela faculdade Unyleya, tendo o polo presencial na mesma cidade. Pedro é escritor e poeta, levando seus textos aos eventos de literatura em Niterói e São Gonçalo, tendo participado de 6 antologias e organizado duas delas.



## **A terra é plana!**

Sim, a terra é plana e eu posso provar! Esse mundo exterior que estamos vendo não existe, pelo menos não existe mais! Tudo que acontece está sendo visto de forma fosca, congelada, apenas como reflexo de um mundo que não é mais o mesmo, as relações são apenas sombra do que eram antes, o abraço é silencioso, a voz sai abafada, o grito sai em dígitos desesperados no teclado, nossa foto é o avatar de nossos múltiplos eus nas redes sociais. Sim, a terra é plana...

A terra já foi redonda, na verdade lá fora continua sendo redondo, mas nós mudamos de planeta sem perceber. Estamos num planeta frio, de relações estagnadas, sentimentos profundamente exacerbados e ao mesmo tempo recolhidos, aprisionados em telas, blocos de notas virtuais e talvez em caderninhos. Hora marcada para um vídeo começar, uma ligação que cai no meio do nada, um olhar mascarado por trás de um sentimento mal explicado e assim vamos nos transportando para nossa identidade online, estamos vivendo em EaD e esperando o fim de tudo isso para ter nosso diploma.

A terra lá fora é redonda, mas dentro de nossas casas ela é plana, nos apps virtuais que adicionamos para nossa distração, nos saraus de poesia que aliviamos as tensões, nos filmes e séries que assistimos para amenizar as emoções, na tv ligada para ninguém porque queremos ou-

## AFARRABIOS XIV

vir um mundo de sons, em pseudo expectativas de encontros e reencontros amorosos, viagens astrais pelo espaço tempo de uma timeline quase espiritual feita através de simulações.

A terra que existe lá fora já não é mais a mesma, é apenas o resquício das nossas emoções insubordinadas e orações absolutas e sintéticas na espera de dias melhores. Eu te digo que a terra é plana porque a terra que vivemos hoje é a tela do nosso smartphone. Sim, nosso mundo agora está a dois palmos do nariz, encontramos tudo nele, bem na palma das nossas mãos e mesmo assim não sabemos usá-lo. Sim, a terra é plana, tem marcas modelos e fabricantes, o domo que nos cobre é o wi-fi que vem de um lugar desconhecido no universo, onde a conta chega todo mês e só o que fazemos é pagar, sem contestar os mandos e desmandos de suas quedas e retornos, onde o sol e a lua se apagam em Apocalipse, quando perdendo acesso momentaneamente ao outro, descobrimos estar nus, como o rei daquele conto antigo.

A terra é plana e nós estamos nus em nossas roupas emocionais.

Pedro Garrido



## AFARRÁBIOS XIV

Mas não foi a roupa do rei de Roma, foi a nossa roupa já rasgada pelas emoções, inversões e invasões em visões de mundo transtornadas. O rato roeu a nossa roupa, nos deixou em puro pebleismo de nossas sensações humanas.

Nós não somos as belezas das redes sociais, fomos descobertos pouco a pouco, pobreza e dores existenciais, tudo foi revelado. Estamos com fome. Uns com fome de comida, outros de dinheiro, a maior parte de nós com fome de afeto, e a maior fome tem sido revelada é a da saudade. Saudade de quem nós queríamos distantes por causa dos nossos orgulhos desvalidos imoralmente infantis e das 1001 maneiras que usávamos de ignorarmos uns aos outros para nos mostrarmos ridiculamente melhores. Melhores que quem? Ninguém!

Hoje somos a roupa do rei de Roma, rasgados, expostos, arrasados. O rato roeu a nossa roupa, nos roeu, o rato é um fato e o fato doeu. Eu sou humano, você também, o outro é como eu, somos instantes e inconstantes, irrelevantes, como uma roupa qualquer, de rei ou não, todas serão roídas e rasgadas pelas emoções do tempo e do vento que teima em nos levar destino afora, pelo hoje, ontem, e o agora.

Pedro Garrido

# REBECA CARVALHO

Estudante, cantora desde os 5 anos de idade, começou com apenas 9 anos a escrever poesias e trovas. Integra a União Brasileira de Trovadores - Sessão São Gonçalo. Ganhou diversos prêmios, foi noticiada por diversos meios de comunicação e tem seus trabalhos publicados em diversas antologias literárias.



**INTERNET**

A internet não é uma pessoa, nem um objeto, mas sim uma inteligência artificial.

Ela pode ser usada para o bem e para o mal.

A internet é boa quando a usamos para estudar, para ler, aprender e desenvolver mais o seu aprendizado.

Se nós usássemos a parte boa e a verdade, não teria tantos suicídios dentro dessa cidade.

Para o suicídio e para depressão, nós como cidadãos temos que dizer não.

Para fazer a diferença, poste apenas a verdade, pois isso não é ofensa, só quero paz para minha cidade.

Rebeca Carvalho

## SER CRIANÇA

Ser criança é uma fase da vida que todo mundo passa ao crescer.

Ser criança é brincar de pique cola.

Ser criança soltar pipa e jogar bola.

Ser criança é ir à escola,  
mas na prova não pode dar cola.

Ser criança é ser assim, ser criança igual a mim.

Quando a criança cresce sua fase vai mudar.

E essa grande mudança não se pode recusar.

Na barriga dá lembrança nasce a palavra infância.

E com a infância na memória, me lembro do meu ser  
criança na minha história.

Rebeca Carvalho

## SER CRIANÇA

Ser criança é uma fase da vida que todo mundo passa ao crescer.

Ser criança é brincar de pique cola.

Ser criança soltar pipa e jogar bola.

Ser criança é ir à escola,  
mas na prova não pode dar cola.

Ser criança é ser assim, ser criança igual a mim.

Quando a criança cresce sua fase vai mudar.

E essa grande mudança não se pode recusar.

Na barriga dá lembrança nasce a palavra infância.

E com a infância na memória, me lembro do meu ser  
criança na minha história.

Rebeca Carvalho

## AFARRÁBIOS XIV

Vai descrever a maior pintura já criada no universo, você e toda a criação...

### **TELA DO PINTOR**

Eu vejo o nosso mundo com a tela de um pintor,  
todos nós fazemos parte da grande arte do autor.  
Com sua bela aquarela os planetas Ele pintou!  
Pintou o sol, pintou a lua, pintou estrelas e outros mais....  
Pintou pessoas, plantas e diferentes animais.  
Pintou os nossos cabelos, nossa pele nossos olhos,  
cada pessoa tem a sua cor e pintinhas de montão!  
Todo universo Deus se pois a pintar.  
E no sétimo dia meu Deus foi descansar!

Rebeca Carvalho

AFARRÁBIOS XIV

# RENATA CORRÊA

(43 anos) é professora/educadora por desejo; mãe por escolha; militante por princípio e necessidade; antifascista por moral; feminista por sobrevivência e poeta por existência. Oriunda da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, fez de Niterói seu território. Começou a soltar seus versos aos 8 anos, possuindo poesias publicadas em duas edições das antologias Universo Poético (II e III), ainda adolescente. Atualmente, trabalha na Biblioteca Popular Monteiro Lobato. Constrói coletivamente o Sarau Horto Canto do Poeta e o Coletivo de Mulheres Poetas de Niterói.



## Poesia para que te quero...

Gosto da liberdade que a poesia me dá  
Quando desmancha a minha criança  
Das tranças da lógica.  
Ser verbo lancinante  
Aquele rima vulgar,  
Ficção e lembrança...  
Poesia é boca suja que cospe  
A palavra imprópria.

Palavrar é desvestir o siso...  
Caminhar por linhas assimétricas  
O inacabado  
E o impreciso...  
A fronteira entre o nó da gravata e o carnaval  
Dizer-se sem réplica,  
A reticência, a vírgula e o juízo final.

Gozo das cócegas que a poesia me faz  
Quando me jorra em versos fora do prumo  
É sátira, riso, praça, rebuliço  
Sinal aberto sem rumo.  
Poesia me corta  
Me rasga as desaparências  
Me lança na parede  
Me escreve em saliências...

Poesia é a distopia

## AFARRABIOS XIV

O realismo fantástico da agonia  
Uma autofagia...  
Devorar a própria afasia  
Um lugar entre  
O não, o sim e o poderia.

Insisto porque poeta  
Poeta porque resisto  
Escrever é um modo de existir.

(Renata Corrêa - 15/5/20 - da 40tena)



## **Idiossincrasias**

Um grau acima...

Um barato a mais...

Um gole áspero lhe desce...

Uma fumaça lhe cobre os olhos...

Madrugada a dentro...

Atravancada no trânsito de devaneios

Encurrallada em corredores labirínticos

Onde ela vez em sempre se perdia

Malograda estratégia de amainar os suores...

Era água afluyente lacerada por entre seixos,

Rio represado em fotografia... Encorrente.

Um baú de miudezas

De não ditos

De prazeres

De malfeitos

De benquereres

Um degrau abaixo...

Um barato a menos...

Um gole doce lhe sobe à cabeça...

Uma fumaça lhe chora os olhos...

Madrugada abraça a enxurrada

De suas idiossincrasias

Já era dia...

Oxalá que ela possa só cachoeirar.

(Renata Corrêa - 7 de maio de 2020 - da 40tena)

## AFARRABIOS XIV

Tem dias que minha fome  
É a de engolir todas as palavras que disse  
Empurrar goela abaixo cada sílaba  
Que deixei atravessar a boca  
Me servindo  
Crua...  
Tola ao molho pardo  
No banquete dos indiferentes...

(Renata Corrêa - 28 de abril de 2020 - da 40tena)

AFARRÁBIOS XIV

# RICARDO DE ALMEIDA

Professor adjunto da UFF, poeta e integrante da PRAJNA.



## QUERO-QUERO

Quero-te agora mesmo impossível  
Quero-te sempre e ainda mais

Quero-te louca vida bandida  
Quero-te sempre, quero-te mais

Quero da vida toda a medida  
Quero do fim, nova partida

Quero do povo um pouco de ação  
Quero uma rosa, quero um limão

Quero da vida o que a vida quer  
Quero do fogo a minha mulher

Quero de novo a alma inquieta  
Quero-te sempre rompendo correntes

Quero dos sonhos aquele mais belo  
Quero uma foice, quero um martelo

Quero que o riso não seja amarelo  
Quero poder tentar outra vez

Quero-te agora mesmo impossível  
Quero-te sempre e ainda mais

Quero-te louca vida bandida  
Quero-te sempre, quero-te mais.

## LUGAR COMUM

O que desejo para nós  
É um lugar comum  
Nem mais nem menos  
Que tempo já não temos

O que desejo para ti  
É uma alegria besta  
Mesmo com tantos literatos  
De terça, quarta, quinta e sexta

O que desejo para mim  
É fim de comédia romântica  
Que pra quem ama  
Melhor que Greenaway

Sempre será um belo drama

O que desejo, enfim  
É passeio de mãos dadas  
Em quinta ensolarada  
Bola colorida e dragão chinês

O que desejo pra vocês  
É ver de boa vista  
Simples voo de isopor  
Levando meus humores

Para além do seu pudor.

## RIO VERMELHO

As ruas do bairro suburbano  
Sangram sem parar  
A cada estocada de um raio de sol  
A cada segundo, a cada minuto  
A hemorragia cresce

As pessoas continuam  
Perdendo pedaços pelo caminho  
Perdendo braços pelo caminho  
E eu me perdi

As calçadas  
Lavadas de chuva  
O esgoto, a merda

## AFARRABIOS XIV

Só o vinho

Só o sangue

Só a alma

E a chuva ácida

Que cai do céu de nossas bocas

E ninguém vai nos perdoar.

**PAZ NA TERRA**

Não quero a paz das baionetas calando

A paz de cabeça baixa

Do silêncio

Dos oprimidos

Não quero a paz dos opressores

A paz sob o tacão

De Caxias

Da fome

Não quero a paz hierárquica

A paz cheia de dedos

De medos

De inspetores

A paz precisa ser liberdade.

**RESPOSTA AO POETA**

Só quem dançou à beira do abismo  
Quem arriscou todos os dentes  
Quem não ficou comodamente  
Afundado numa poltrona  
Quem sonhou o mais belo dos sonhos  
E foi ao fundo da metáfora  
E viu através das entrelinhas  
E não se espanta mais  
Pode ser chamado poeta

Um lembrete:

A aventura humana mal começou.



# ROSANIA ALVES

técnica de enfermagem. Em 2017 publiquei um livro, O Poder da Fé que surgiu do convívio e do trato diário com os pacientes da unidade de saúde da vida Familiar e social.



**\*A Renovação\***

Já estava acostumada a te admirar.

Como assim, você se foi?

Deixando o quintal sem vida.

Sem frutos e sem a raiz que, sorrateiramente, desvendava  
o mistério desse solo,  
amparava cada folha que caía e em adubo se transforma-  
va.

Seus galhos lindos serviam de palco aos pássaros.

Como assim, você se foi?

Preciso ver na primavera suas flores desabrocharem  
e em lindos frutos se transformarem.

Como assim, você se foi?

Sem avisar, deixou seu caule secar,  
o verde desaparecer, mas na mistura das cores,  
O marrom apoderou e informou:

Aqui estou nessa árvore.

Vou esperar o tempo, pois ele é a resposta da vida e da  
sorte.

Enquanto isso, um pássaro surge e se abriga.

Em um galho seco se acomoda e aos poucos traz as pa-  
lhas, construindo a sua morada.

## AFARRABIOS XIV

Logo uma família foi formada.

Pássaros, cria, renovação.

É a vida tomando forma.

Aplaudi!

O encanto da Natureza emprestando o seu ambiente

Para a vida renovar e resgatar o que temos de valor.

Enfeitando o que o tempo nos tirou,

Marcou, mas em um canto Ele reservou um espaço,

Para a vida renascer e logo o caule, verde ficou.

A raiz com seus mistérios àquela árvore sustentou.

As folhas dos galhos surgiam e bailavam felizes ao vento,

pois o forte calor essa linda árvore suportou.

Revoadas, piados, vários tipos de cantos se misturavam.

Até o beija flor encontrou o seu amor.

Uma linda flor ali desabrochou!

Rosania Alves

## **Liberdade**

É poder respirar, o ar puro

É caminhar sem medida

No sol ou na chuva

Sem se importar

Com a estação.

É sorrir até a alegria te dominar

É ouvir e ser ouvida

É permitir que as lágrimas

Adornem o seu rosto

Que a emoção seja

A raiz que alimenta o seu coração

É permitir que amor seja a chama

Mais importante, que habite em seu interior

É não se distanciar de você

É sentir o desejo aflorando

Em seu corpo

É deixar a vida alimentar

O seu ego com a esperança

## AFARRABIOS XIV

Acreditar que o tempo

Te favorecerá.

E a liberdade fará um brinde

À sua plena felicidade.

Rosania Alves



# SOL DE PAULA

A autora Sol de Paula (Solange Soares Santos de Paula), natural de Niterói/RJ, mais conhecida como a “moça que mora do outro lado da poça”. Habituada a esticar os braços para tocar a lua e se banhar nas águas sagradas de Oxum. Psicóloga por formação e Poeta por inspiração. Adora o mar e se enfeitar com as palavras por onde insiste em “navegar”.

Coautora de algumas Antologias Poéticas em gêneros literários diversificados e autora do livro SOL em pequenas doses (Editora Itapuca), lançado em 2020. Atua como Membro Correspondente da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Membro do Coletivo Afeto Poético. Ativista cultural espalha o pólen da poesia em todos os lugares que existam pessoas interessadas em ressignificar seus lugares de fala.

Sua narrativa, além de abordar temáticas diversificadas, passeia por trilhas nem sempre tão seguras, lançando uma visão singular sobre questões íntimas de todos nós. Participará pela primeira vez de uma obra organizada pelo Armazém de Quinquilharias e Utopias.



## **Diário de solidões coletivas**

Bendita seja aquela mulher

Que em nome de sua sobrevivência

Catava sucatas para se livrar da escravidão da fome.

Bendita seja aquela mulher

Que em sua batalha diária revirava o lixo

E encontrava palavras soltas, prontas para serem devoradas.

Bendita seja aquela mulher

Que alimentava seus filhos com ilusões encontradas nos lixões

E espreitava a miséria da vida pela janela do seu quarto.

Bendita seja aquela mulher

Que alinhavava memórias com os retalhos surrados

E dizia que a favela era o quarto de despejo da cidade.

Bendita seja aquela mulher

Que ao ser parida do ventre de um tumbeiro

Manteve consigo toda a garra e tradição do seu terreiro.

## AFARRABIOS XIV

Bendita seja aquela mulher

Que mesmo com um buraco no estômago

Escreveu para saciar sua fome de conhecimento.

Bendita seja aquela mulher

Que por muitos foi chamada de maldita

Por dizer que a favela seria o depósito dos incultos.

Bendita seja, Carolina!

Que registrou diariamente as solidões coletivas

Usando o livro como a bússola que a orientava no porvir.



## **Futuro mais que imperfeito**

Tenho hábitos que são laços.  
Tenho laços que são presentes.  
Tenho presente que nem chega a ser futuro.  
Tenho futuro mais que perfeito.  
Tenho outros tão imperfeitos que viram passados.  
Num virar de página,  
Num piscar de olhos,  
Numa revoada de pássaros.  
Acima de tudo tenho vida,  
Que pulsa, arde, incendeia, liberta.  
Faz meu querer, simplesmente, lambar a cria  
Alquimia que espia  
Sentindo o pelo arrepiar  
Pedindo para a vida nunca parar de pulsar (gozar).



## A pele que habito

Sentir teu abraço que conforta  
Teu beijo que completa  
Teu cheiro que inebria  
Teu gosto que sacia  
a minha fome.  
Fome de afeto.  
Fome que devora.  
Decora  
Explora  
mas não implora.  
Na sua pele tupi.  
Busco abrigo.  
Na sua pele yorubá  
Encontro o mar.  
Nela eu habito  
Nela mergulho  
Num profundo reconhecimento  
do meu  
do seu  
do nosso  
Ser.

AFARRÁBIOS XIV

# SPIRITO SANTO

Músico, pesquisador e escritor, 72 anos, com estudos gerais voltados para o impacto da cultura negra na Diáspora africana no Brasil, com ênfase na etnomusicologia e na História. É autor do ensaio etnomusicológico ‘Do Samba ao Funk do Jorjão’, Trabalhou como músico e professor em Viena, Áustria, entre 1989 e 1993.



“A Patrulha”. Meu sangue escrito na neve da segunda guerra mundial

Imaginem! Meu pai herói, teve um combate do qual fez parte no norte da Itália em 1945 registrado num jornal.

Fico aqui, chapado de emoção imaginando o quanto de orgulho meus irmãos e filhos sentirão de seu pai e avô, agora herói mesmo, sacramentado e juramentado.

A notícia eletrizante saiu no jornal (ou periódico) “O Cruzeiro do Sul” do dia 1º de março de 1945, pag 4. A crônica, assinada por aquele que é considerado o maior corres-

pondente de guerra brasileiro, Joel Silveira se chamava “A Patrulha”. Quem garimpa e encontra é, de novo a dileta amiga Bete Scg que me pergunta:

“... Vê se pode ser ele»

Sim! Não só pode ser ele.p, como É ELE! Que coisa impressionante!

-----

Seu nome era muito incomum para ser um homônimo. Seria muita coincidência haver um homônimo no mesmo exército, na mesma guerra. Quando convocado estava morando aqui no Rio de Janeiro há muito tempo. Fugiu de casa, em Diamantina, MG com cerca de 14 anos, nunca soubemos, exatamente porque e, sabe-se lá como, fixou-se no Rio de Janeiro desde então.

José Cyrilo chegou no Rio de Janeiro (na época Distrito Federal) sozinho passando, segundo contou para minha mãe, por São Paulo ali por volta de 1932. No ensejo de sua convocação para a guerra na Europa, já estava aqui, portanto por cerca de 13 anos e deve ter sido identificado no quartel, por alguma razão, como natural daqui do então Distrito Federal.

O “Ceará” ao qual a crônica se refere, pode ser o amigo mais chegado dele, morto numa barraca de campanha num inesperado bombardeio alemão. Ele contou este

## AFARRABIOS XIV

incidente para minha mãe Geny, se referindo a um nordestino (tinha na memória que minha mãe falara num “Paraíba”, mas pode muito bem ter sido um “Ceará”).

Ele, Cyrilo, saiu da barraca com uma caneca de café recém feito, justo na hora em que o morteiro caiu. Por segundos não morreu neste incidente e eu, seu filho não teria existido para contar sua formidável história.

Talvez tenha sido um dos muitos gaúchos da bem sucedida patrulha, aquele amigo presenteou Cyrilo com uma bela cuia de chimarrão, com borda e bomba de prata, que guardo carinhosamente comigo até hoje

(...Eu sei. Preciso limpar a prata, mas é que gosto do óxido do tempo)

Num doc. de 1967, já publicado aqui, minha mãe solicita ao exército a correção do nome de José Cyrilo no certificado de sua medalha de campanha, grafado sempre equivocadamente sem o “y”.

Acordei há pouco e esta foi a primeira notícia do dia. Estou aqui emocionado, tomando o meu cafezinho matinal. Um bomba boa acabou de explodir aqui no meu cafofo.

<http://www.defesanet.com.br/ecos/noticia/2786/15-de-setembro-de-1944-----A-cobra-esta-Fumando----Brasileiros-entram-em-combate-na-Italia/>

## AFARRÁBIOS XIV

(O jornal “Cruzeiro do Sul” onde a crônica foi publicada tem como fundador e principal colunista, a interessante figura de Félix de Araújo, paraibano, pracinha voluntário correspondente de guerra, poeta que se tornou comunista e político muito bem sucedido, assassinado em 1953 com um tiro pelas costas, desferido por um desafeto político.

Existe uma controvérsia sobre a fundação do jornal, atribuída, oficialmente à FEB, segundo o link que obtive, em matéria onde o nome de Félix de Araújo, sequer é citado.

Agradeço comovido a este outro herói de guerra que foi Félix de Araújo, ou quem quer que seja o autor da crônica, por ter registrado para a eternidade o heroísmo de meu pai.

Aguenta coração!

Spirito Santo  
Junho 2015

# VINI BORGES

Vini Borges, artista plástico e poeta niteroiense, produz arte como modo de expressão de sua perspectiva na rotina coletiva. Membro do Coletivo Afeto Poético. Este é um dos primeiros fanzines de que participa e sua primeira obra individual está no prelo. Assina os trabalhos de artes visuais que compõem a exposição “Poéticas de Carolina”, em homenagem à obra de Carolina Maria de Jesus.



## Chácara de Afetos

A vida parada lá fora.

O coração quase parando.

O mar quase parado, marolas.

O sentimento acelerado por novos dias.

A natureza se pronunciando pela minha janela.

O beija-flor beija, beija as flores.

As borboletas coloridas em seus voos

polinizam também o meu jardim num bailado incrível.

Os cães saltitam pelas moitas que enfeitam o nosso quintal

atrás da bolinha e dos troncos arremessados.

Aqui a vida não parou.

O mundo daqui não parou

O coração e os sentimentos batem a todo vapor.

O amor aqui impera.

A vida jamais vai ficar em modo avião nessa chácara de afetos.

## **Guerreiros**

desbravou terras tão próximas  
usou suas próprias mãos para abrir caminhos

estava tão próximo de mim

ele

a fauna

a flora

tão vivos

que parei por minutos

contemplei

as folhas caídas tinham poesia

a recolhi

os cantos dos pássaros e das cigarras nervosas

acolhi

## AFARRÁBIOS XIV

sorri sem querer

a vida gritava para mim e para ele

em forma de natureza

acreditei na luz do Sol

entrava por frestas dos troncos e copas das árvores

frondosas

me passaram segurança

os frutos caídos no chão já estavam mordidos

sinais de vidas tão minhas, e dele

da terra preta, brotaram minhocas

fertilização das ideias,

deixando brotar em nossos peitos

o avassalador sentimento,

o de cuidar um do outro

o afeto se fez em olhares e gestos

## AFARRÁBIOS XIV

desbravou a mata como um guerreiro de Oxóssi  
guiado pela sua mãe Iansã  
com seus ventos, limpava o caminho que chegou ao meu  
coração

e eu, filho de Oxum, o abracei em lágrimas  
molhavam a terra com o sentimento mais puro  
com o consentimento dos orixás

fomos abençoados e seguimos juntos  
para o amanhã  
a nascer iluminado pelo Astro Rei  
era o amor  
os cobriu de axé



## Poema cafona

Impulsivo e com afeto,  
me emociono,  
não confesso.

O amor acontece  
no instante em que te toco, te pego.

Vem você, de peito aberto,  
me dizendo que é eterno.

Digo sim e me intero,  
sentimento que me apego  
e quero.

Sigo rindo do seu jeito,  
acho lindo  
e me esmero  
para ter você aqui, meu Nero.

Um batuque no meu peito  
dizendo: amor sincero,

## AFARRABIOS XIV

e eu me disponibilizo.

Eu acordo ao seu lado,  
a gargalhar com você,  
que me olha de um jeito que adoro  
e me entrego.

Cavalgando em você  
me sinto pleno  
e me completo.

Um gozo lindo, barulhento  
te diz o que eu quero.

Viver com você é lindo.

Não preciso de mais nada,  
a não ser este amor  
que está dentro de mim  
e eu não nego.

Desse afeto eu preciso  
e, só de pensar em não sentir,  
me desespero.

## AFARRÁBIOS XIV

Amo estar com você  
no verão, na primavera,  
no outono, no inverno.



# WAGNER NYHYHWH

wagner nyhyhwh é um autor criado, dentre outros, por Wagner Teixeira, para assim ampliar ao máximo as possibilidades de criação artística. Desde que se entende por personagem inventa outros autores, histórias e loucuras diversas. Iniciou na infância escrevendo e desenhando nos cadernos da escola. Depois conheceu os fanzines e passou a editar e colaborar em diversos deles. Partes de suas produções podem ser acompanhadas no blog <http://partesfordotodo.blogspot.com.br/>



**Era uma vez na**

**THE VERY BIG CORPORATION**

wagner nyhyhwh

parte 1: Gestão de custos

Diretores da Grande Corporação conversam sobre corte de custos no exclusivo restaurante da diretoria:

-Nós estamos pagando um professor de educação física pra aulas de alongamento dos funcionários todos os dias.

-Isso é um absurdo, nossos concorrentes não dão esse tipo de mordomia pros empregados.

-Sim. Pode cortar.

Então o garçom se aproxima:

-Pois não, senhores?

-Eu vou querer massa de sêmola com fígado de pato e sauternes, de entrada. Lascas de cordeiro marinadas em xerez seco com trufas pretas e foie gras, de prato principal. E o creme de mascarpone com calda de chocolate, de sobremesa.

-Pra mim, vejamos, pode ser ossetra com vieiras grelhadas e molho de coral, de entrada...

## AFARRABIOS XIV

O importante CEO tinha decisões a tomar naquela importante reunião. Analistas projetam apresentação em powerpoint sobre a necessidade de construção de mais barragens. Relatam que a barragem tipo Épsilon possui um custo de 100 milhões de trumbers. Já a tipo Téta, um pouco mais barata, custo de 99 milhões e 999 mil.

-Vamos construir a Téta - decide o CEO.

-Mas ainda não avaliamos o risco dela - argumentam os analistas -Sabemos que a Épsilon tem risco de rompimento de apenas 1%, mas a Téta...

-Eu estou falando chinês aqui? Não me entenderam? Vamos construir Téta.

Os outros executivos riem, CEO sempre decidido, carismático e de personalidade forte. Todos gostam dessas características, é assim que deve ser um líder.

Assim, foi feito como determinado pelo importante CEO. Tempos depois, a barragem desabou. No processo de apuração, constatado que aquela era um tipo de barragem de alto risco de ruir, cerca de 50%.

-Ninguém me falou desse risco - defendeu-se o CEO. Foi absolvido. Os analistas que apresentaram as possibilidades de barragens foram condenados.

## **parte 2: Plano de emergência**

Após assumir seu posto na Grande Corporação, recebeu o plano de emergência prévia. Os funcionários teriam apenas um minuto para escapar daquela área em caso de rompimento da barragem. Um minuto? Aquilo era piada? Totalmente Irreal. De fato. Quando a barragem caiu, em apenas trinta segundos já estava soterrado. E nem sequer a tal sirene de alerta ecoou...

## **parte 3: Hora extra.**

Apresentação dos dados de acidentes fatais:

-Esse gráfico está muito feio.

-Desculpe, senhor. Nosso especialista em apresentações foi demitido na última contingência de gastos.

-Assim não dá. Não podemos trabalhar com esse descaso. Gráficos tão horrorosos. Quero que todos vocês refaçam essa apresentação. Voltaremos a nos reunir amanhã de manhã.

-Sim, senhor.

Assim, a importante reunião executiva foi encerrada. Naquele dia, vários empregados tiveram que fazer hora extra até conseguirem montar uma apresentação dentro da conformidade gerencial. A discussão sobre os acidentes fatais ficaria para o dia seguinte, talvez.

#### **parte 4: As incríveis aventuras do Cidadão de Bem**

O Cidadão de Bem bate o ponto no Escritório. Sua rotina consiste basicamente em assumir seu posto na sua estação de trabalho no grande salão do Escritório, se espreguiçar, bocejar, bater papo com alguns dos 150 colegas que dividem o salão, ver o email corporativo de vez em quando, e passar o dia vendo fake news e vídeos de seus heróis dytadores no uatzap e tuitter. Não faz nada o dia todo, mas mesmo assim está sempre reclamando dos outros, fiscaliza todos os colegas.

-Olha a hora que o Peperônio tá chegando, chega todo dia às onze, é um absurdo, e ninguém faz nada.

-Mas ele tá trabalhando todo dia até as oito da noi...

-Tá nada! Trabalha nada! Tem que acabar com a mamata desses comunistas. Tá cheio de comunista vagabundo aqui nessa empresa, tem que acabar com esses comunistas.

Apesar de atualmente direcionar seu ódio principalmente aos «comunistas», que é como o Cidadão de Bem chama qualquer um que tenha qualquer opinião vagamente divergente da sua, ele próprio já foi no passado um partidário do socialismo, há muitos anos. Foi na época em que estava desempregado, totalmente sem grana e fudido. Viveu um tempo morando de favor com uma turma de socialistas. Até participava de eventos e protestos. Acreditava que o mundo precisava mudar, ser mais justo e fraterno, aquele sistema socioeconômico jamais iria funcionar. Mas quando

arrumou um bom emprego, sua opinião começou a mudar. Passou a acreditar que o capitalismo é o sistema ideal, pois recompensa quem se esforça, e que quem não gosta do capitalismo são os fracassados vagabundos preguiçosos que não gostam de trabalhar. Os amigos que o abrigavam passaram a irritá-lo, pois não faziam nada, enquanto ele se matava de trabalhar. Logo perdeu contato com eles, sem nunca os ter recompensado pela ajuda.

No período da tarde, o Cidadão de Bem estuda para qual país irá viajar nas próximas férias.

### **parte 5: Investindo no futuro**

Desanimado com os baixos rendimentos da poupança, procura um consultor financeiro. Recomendação que invista mais em ações, mercado de renda variável está em alta, com boas perspectivas de ganhos. E em previdência privada. Não dá pra depender da previdência social, ainda mais após a última reforma.

Após última crise, gestores do Fundo de Previdência Complementar da Grande Corporação remontaram a carteira de investimentos do Fundo para aplicações mais conservadoras. 75% da carteira em renda fixa, de menor risco, e 25% em outros, incluindo renda variável, de maior risco. Alguns anos depois, mercado de ações voltou a crescer. Com queda da taxa de juros e consequente baixo rendimento da renda fixa, gestores decidiram rever carteira. Investimento em renda fixa caiu de 75% pra 30% do total, ficando assim com 70% em investimentos variados, de médio a alto risco, sendo

## AFARRABIOS XIV

45% no mercado de ações, de alto risco. Uma mudança um tanto radical, de repente alterando completamente a estrutura da carteira, apontaram alguns participantes do Fundo. Gestores justificaram que precisavam se adequar ao mercado. Com o baixo retorno da carteira atual não iriam conseguir atingir a meta atuarial. Essa meta não poderia ser revista?, participantes questionaram. Não poderia. O mercado de ações estava em alta, tinham que aproveitar o momento. Assim, venderam títulos de renda fixa e compraram ações a, evidentemente, alto preço, esperando que subissem de valor ainda mais. Então veio a nova crise. Mercado de ações despencou. Em desespero, gestores do fundo tiveram que vender ações da carteira, a baixo preço, para minimizar os prejuízos contabilizados. Para compensar o déficit atuarial, tiveram que fazer um equacionamento, que consistiu em cobrar um valor extra de contribuição dos participantes. Tempos depois, os gestores do fundo foram processados, acusados de má gestão. Mas a fortuna que ganharam com taxas de administração e bônus pelas metas atingidas já tinha sido gasta. Era passado.

parte 6: Dia de festa

Amigo oculto no Escritório. Participação não é obrigatória, mas acontecerá no horário e local do Expediente. Então não tem como não participar.

## AFARRÁBIOS XIV

“Gostaríamos que todos participassem para promover a integração da equipe”. Presentes, discursos animados, risadas. Felicidade obrigatória.

Uma semana depois, a Grande Corporação anunciou que, devido à crise, não tinha opção a não ser demitir metade dos empregados.

parte final?

E as histórias continuam, continuam, e se repetem... pra sempre?

# WINTER BASTOS

Autor do livro de contos "Prisões de Estimação" (Editora Itapuca, 2019). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011); menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013); 1º lugar no Festival de Contos do CLARON (em 2016). Faz o fanzine O Berro (oberrofanzone@gmail.com). Mantém o blogue Expressão Liberta.



**POEMA SEM VERSO NEM VIDA**

(Por: Winter Bastos)

A vida? Ah, a vida... Há? E o verso? O verso é a morte. O verso da vida não o é, pensando bem. É a não-vida. Pois a morte é um acontecimento e o que acontece é vida. Desta, então, qual é o verso? O verso dessa frente. Vide verso? O verso da vida não é visível, porque não vivível. Invivível. Invisível no escuro do verso que não há para quem vivo está. Mas antes ser um morto-vivo que um vivo-morto. Quem viveu e não mais o faz, o fez, portanto vive em quem está na vida. Deixou sementes de vida entre quem cá está. Assim, na vera, o morto-vivo vive em nós, nas lembranças de quem vive e nas vidas que vivificou. Mas quem nasceu morto e mortificou o mundo em volta, pregando a paz tumular dos bons-mocismos cristãos em adoração aos pregos, cruzes, paus-de-arara, coroas-de-espinhos, os jovens coroas-de-espírito, de espinhas, de espúrias idolatrias torturantes, espórtulas aos miliardários, merdalários, mortuários, mostruários, nobiliárquicos, esses NÃO são mortos-vivos. (Respeitemos os mortos-vivos, eles morreram, mas vivem, respeitemo-los). Esses não são mortos-vivos, eu dizia, eles são vivos-mortos: nasceram, andam, carregam bandeiras ufanistas, cantam hino nacional a plenos pulmões, plenos de vírus pulmonares, infectantes, infectos, repletos de morte, MAS ESTÃO MORTOS E NÃO SABEM. Não, amigo, não adianta avisá-los. Eles não ouviriam se disséssemos que

## AFARRÁBIOS XIV

estão mortos. Se eles fossem mortos-vivos, nos ouviriam, viveriam em nós e se transformariam dentro de nós se lhes falássemos. Mas eles são vivos-mortos, não são mortos-vivos. Ai dos vivos-mortos, ai dos que mortos nasceram e mortificam o mundo com seus estandartes patrióticos, na eterna torcida, pátria de chuteiras, patriotas chuteirizados, chutados, chupados, cuspidos, escarrados, espirrados, inalados, catarrados, carregados, cagados, gados. Ovelhos. Oh, velhos, tão brancos, tão jovens, tão ricos, tão machos, tomados no pasto das igrejas, tomados pelo COISA RUIM. Incorporado pelo fardado, pisado e desamado, gado, gado, gado, senhor deus do dinheiro, o céu e a terra reclamam a vossa glória financeira no inferno celestial. A Besta aí vive no reverso da vida. E os olhos do vivo-morto são voltados para dentro de si. Votado para dentro de si. Para dentro de sua solidão condominial, policial, conjugal, normal, lacrimal e lacrimosa de rancores, ressentimentos, recalques, mágoas e nódoas por toda a vida-morta. Os ouvidos do vivo-morto devotados para dentro de si, onde ecoa a propaganda eleitoral da intranet, girando como um disco arranhado, como gira a bela terra-plana de seus sonhos. Um disco que não tem lado B. Disco dos sonhos, sem horário de verão, sem meridianos ou paralelos, tudo dentro do plano, meticulosamente traçado pelo deus mercado e sua mão invisível, ah, providência divina, divindade monetária, chata como uma moeda, chata como uma medalha, como uma condecoração, uma canção de caserna gospel-mercadológica, merdológica, ilógica, irracional, razão humana, nutritiva e inativa, insossa, inodora, descolorada, acinzentada e encinzenteira. Tudo cinzas a

partir da chatice planetária, numa rasa urna mortuária. Mostruário do absurdo, vendável e vendido a quem nem olha o preço, pois só tem olhos para si, olhos para dentro, para o abismo interno, pútrido e nauseabundo. Mundo, mundo, vasto imundo, esse mundinho tão mudinho desses que gritam pelo presidente, pelo presente, pelo indecente, tão decentemente demente, sem dentes, decrépitos, jovens múmias do futuro apaixonados pelo passado, com saudade do não-vivido, imersos hoje na não-vida sem ver que ela já está aí. "É ela que vocês querem? Pois então calem a boca e vivam-na. Ela já está aí, vocês a elegeram. Vivam!" Mas não adianta mandar os vivos-mortos viverem, é como mandar um porco voar. (Com o perdão dos porcos, estes têm a dignidade de se atirarem do precipício). Eles sequer podem viver a sua não-vida. E então continuam clamando, gritando, pedindo, exigindo aquilo que já lhes foi dado, mas eles não veem, pois seus olhos estão voltados para dentro. Se na morte não conseguem enxergar a vida que tanto queriam, acham que a culpa não pode ser deles, só pode ser dos vivos, dos vivistas e suas ideologias vivistas. Com os olhos vendados por suas trevas internas gritam "Abaixo o Vivismo!". E continuam gritando pelo que já têm, pois não, não podem acreditar que o que eles pediam já lhes foi dado, que o que eles queriam era só isso que aí está, não podem abrir os olhos, pois aí teriam que dizer para si o mais terrível. Deixariam de ser vivos-mortos. E passariam a mortos-mortos. Mas a verdadeira desgraça deles é não saber o mais importante: o morto-morto pode ressussitar, mas o vivo-morto está eternamente condenado. Rezemos para que exista, por milagre, um terceiro dia.



